

C L I O

A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA BRASILEIRA:
NOVAS PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

Cláudia Alves
Suely Luna
Ana Nascimento

A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL. AVALIAÇÃO E PROPOSTA

A Jairo

Cláudia Alves

Núcleo de Estudos Arqueológicos
da Universidade Federal de Pernambuco

ABSTRACT

-Pre-Historic Ceramics in Brazil: an evolution and a proposal.

A critical analysis of procedures used to research and classify pre-historic ceramics in Brazil. The author deals with the origins and development of the National Program of Archaeological Research - PRONAPA and analysis the methods used to recuperate and interpret ceramic vestiges. The second part of the article presents an analytical proposal for systematizing the characteristics of a technical ceramic profile, that can be use for characterize pre-historic ethnic groups.

RESUMO

Apresentamos uma análise crítica aos procedimentos utilizados para a pesquisa e classificação da cerâmica pré-histórica no Brasil. Mostramos a história do surgimento e desenvolvimento do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA e fazemos uma análise dos métodos utilizados para a recuperação e interpretação dos vestígios cerâmicos. Apresentamos na segunda parte do trabalho uma proposta analítica que pretende sistematizar as características de um perfil técnico cerâmico, com a finalidade de caracterizar os grupos étnicos pré-históricos.

Key words: – PRONAPA
– Analyses
– Ceramics

Palavras-chaves: – PRONAPA
– Análise
– Cerâmica

PESQUISAS SOBRE A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL

1.1. – ANTECEDENTES

As pesquisas sobre as sociedades pré-históricas no Brasil se desenvolveram a partir da segunda metade deste século. Nesse período, apareceram os primeiros projetos arqueológicos numa perspectiva científica, que permitiram traçar e caracterizar aspectos de alguns grupos pré-históricos.

Na história da arqueologia brasileira, verificam-se desde o final do século XIX e em vários pontos do país, áreas de concentração de pesquisas com objetivos diversificados, que privilegiaram o estudo de determinados grupos étnicos. Nas regiões Sudeste e Sul, procurava-se explicar a origem e a formação dos sambaquis e comprovar a antiguidade do homem americano. Na região da Amazônia, a maior parte dessas pesquisas visavam principalmente explicar a origem e a dispersão da cerâmica.

As primeiras pesquisas arqueológicas foram realizadas por especialistas de outras áreas de conhecimento, tais como, a Botânica, a Zoologia, a Geologia, a Lingüística, a Geografia e a Etnografia. Essas pesquisas se caracterizam pela recuperação de objetos culturais líticos ou cerâmicos, que se encontravam em processo de destruição natural, ou depredados pelos mais diversos interesses. Um dos exemplos mais marcantes em nossa história é o da destruição dos sambaquis, provocada pela exploração industrial que os transformou em fontes de matéria-prima para a produção de cal.

As pesquisas arqueológicas com a finalidade de estudar os grupos étnicos que utilizaram a cerâmica, desenvolveram-se, principalmente, a partir da descoberta de sítios arqueológicos na região do Amazonas. Desde o final do século XIX e início do século XX, chegaram a essa região representantes de vários museus nacionais e internacionais que programaram inúmeras expedições para localizar novos sítios e escavá-los.

As expedições mais importantes, organizadas pelos museus Goeldi e Nacional, foram as de Barbosa Rodrigues, em 1870, que descobriu a cerâmica de Miracangüera de Itacoatiara; a de Ferreira Pena, em 1792, e a de Ladislau Netto, em 1882, que registraram as cerâmicas Maracá e Marajó; e as expedições de Emílio Goeldi e Aureliano Lima Guedes, de 1884/5 a 1907, que localizaram necrópoles com urnas funerárias nas cavernas do rio Cunani.

Com estas descobertas, desenvolve-se o processo de divulgação da cerâmica pré-histórica da Bacia Amazônica, considerada no plano estético, uma das mais belas do Brasil. A cerâmica da Ilha de Marajó, famosa pela perfeição de suas formas e de seus desenhos (na combinação de linhas retas, curvas e pontos), constitui um desses conjuntos.

Os chefes das expedições forneciam dados sobre a localização dos sítios e os aspectos ambientais, e descreviam detalhes formais e estilísticos das peças encontradas, com interpretações, muitas vezes conjecturais, sobre sua utilização ou origem. As cerâmicas eram selecionadas, escolhendo-se, entre os fragmentos, as peças inteiras e bem decoradas. Com freqüência, essas cerâmicas provinham de sítios cemitérios e apresentavam numerosas urnas funerárias.

Frederico Barata, analisando este período, mostra o caráter destrutivo das expedições que, segundo ele, "... se improvisavam, apresadas e sem método, com o objetivo exclusivo de coletar peças para os museus, deixando campo livre aos exageros da imaginação interpretativa, inspirada às mais das vezes tão somente pelas gravuras e

desenhos, universalmente reproduzidos, das "gregas" marajoaras. Des-truiu-se o Pacoval, escavado em todos os recantos pelos exploradores e até por jornalistas estrangeiros, favorecidos pela porta aberta que lhes era franqueada, com a ausência de uma legislação capaz de pro-terger o nosso patrimônio. Ricas peças indígenas puderam assim sair do país sem dificuldade e, o que é bem pior, coletadas "a la diable" e deixando atrás de si, em alguns dos mais notáveis "mounds" de Ma-rajó, revolvidos e imprestáveis para os estudos científicos, montões de cacos e fragmentos"¹.

No período inicial, valiosas coleções cerâmicas foram forma-das, muitas delas com objetos de origem desconhecida. Algot Lange, 1913, coletou 4.888 peças, que foram cedidas ao American Museum of Natural History, de New York². Outras coleções foram formadas por Robert e Rose Brown, C. FaraBee, Curt Nimuendaju, Ferreira Pena, Steere, Goeldi, Antônio Mordini, Derby Hartt, Frederico Barata, Orville Derby, na região Norte, e Berehauser, Carlos Von Koseritz, Max Schmi-th, Frank Nageli e Antônio Serrano, entre outros, nas demais regiões do país.

Os estudos sobre coleções cerâmicas da região Norte que tive-ram maior repercussão, foram os de Antonio Mordini, 1926-28, sobre as tangas de Marajó; os de Heloisa Alberto Torres, 1930, e Helena Palma-tary, 1939, sobre as cerâmicas de Tapajós e Marajó; os de Betty Meg-gers, 1947, sobre as coleções formadas por Steere, do University Mu-seum da University of Pensylvania e do American Museum of Natural History, sobre as cerâmicas de Marajó, além dos estudos de Frederico Barata, 1944 a 1954, sobre a cerâmica de Santarém.

Durante um longo período de nossa história, muitas pesquisas foram realizadas com coleções cerâmicas. Esses estudos produziram trabalhos descritivos sobre os traços formais e estéticos.

As análises eram baseadas nas tipologias estabelecidas princi-palmente em função de características tais como a forma e elementos decorativos. Faziam-se comparações com cerâmicas de outras áreas do País e das regiões próximas, com objetivo de identificar a influência de traços e os pontos centrais de dispersão da mesma. O conhecimen-to básico sobre os grupos étnicos ceramistas era limitado pela própria natureza das informações dos vestígios arqueológicos investigados neste período. Mesmo assim em alguns estudos a partir das caracterís-

1 BARATA, F. 1968, p. 122

2 Idem, p. 121

ticas plásticas da cerâmica, encontram-se tentativas de interpretação do desenvolvimento cultural. Contudo, para Frederico Barata, o aspecto estilístico foi abordado no sentido de arte, para os historiadores da arte arqueológica³.

Nas sínteses da pré-história no Brasil, de Anyone Costa, J. Anthero, F. Barata, aparece uma divisão bem nítida em aspectos qualitativos entre a cerâmica do norte e a cerâmica do restante do país. Os grupos da bacia amazônica possuíam um desenvolvimento industrial e artístico da cerâmica, incomparavelmente superior ao das demais regiões, com um estágio mais evoluído. A cerâmica teria sido, provavelmente, introduzida nesta região procedente de outras áreas⁴.

Em contraposição, e seguindo os mesmos parâmetros de avaliação, a cerâmica do litoral e do interior era considerada de qualidade inferior, muito tosca, e feita exclusivamente para fins utilitários. Os vasos, que imitavam frutos de sapucaia, eram grosseiros, de paredes espessas, sem pintura ou adornos; as umas piriformes eram mal fabricadas e, quase sempre, mal cozidas. As decorações eram feitas com a ponta dos dedos ou com as unhas, e localizavam-se na borda dos vasilhames.

O conhecimento da cerâmica pré-histórica no Brasil até os anos cinquenta, restringia-se à caracterização de aspectos gerais, com referência:

- 1) nas informações dos cronistas, viajantes e etnólogos dos séculos subseqüentes à colonização européia;
- 2) nas informações das primeiras expedições;
- 3) nos resultados de estudos sobre coleções cerâmicas e de algumas escavações realizadas nesse período.

As primeiras classificações da cerâmica não são resultado da utilização de parâmetros comuns, mas dos tipos de cerâmicas achados e estudados por diferentes pessoas que lhes adequaram um termo distintivo que foi utilizado para identificá-los. Assim, os primeiros tipos de cerâmica no Brasil são os seguintes:

- 1 – **Cerâmica de Maracá**, colecionada por Ferreira Pena, 1872, na Guiana brasileira, encontrada nas proximidades do rio Maracá. Eram umas funerárias de dois tipos: antropomórficas, de forma tubular, sem ornamentação, apenas um cilindro com tampa; outras com pernas e braços assentados sobre uma espécie de banco e

3 BARATA, F. 1953.

4 Idem, 1968, p. 87.

com tampa, figurando a cabeça em forma de cone truçado; e zoomórficas.

- 2 – **Cerâmica Santarém**, colecionada por Rose e Robert Brow e Ni-muendaju, caracterizada por vasos pintados, cariátides de gargalo, decoração incisa, figurinhas humanas, cachimbos, e pela predominância das zoomórficas.
- 3 – **Cerâmica de Mirancangüera**, descoberta por Barbosa Rodrigues no ano de 1870 em Itacoatiara, numa área de 5 milhas, considerada um grande cemitério indígena. Apresenta cerâmica simplesmente polida, com camada branca, desenhos pintados nas cores preta e vermelha, gravados ou esculpidos, além de objetos em forma de taças de altos pés.
- 4 – **Cerâmica do Cunani**, conjunto de vasilhames encontrados em cavernas artificiais, nas proximidades do rio Cunani, por E. Goeldi, em 1895. Trata-se de urnas funerárias com decoração pintada de vermelho sobre branco.
- 5 – **Cerâmica Tupi-Guarani**, caracterizada por uma diversidade de formas e decoração, linhas pontilhadas, corrugado, incisões e pintura vermelha além de tintas escuras ou preta sobre engobe. Esse tipo de cerâmica encontrada no litoral e sul do país foi descrita por Hans Staden, J. Lery, Claude D'Abeville, Gabriel Soares, entre outros, que a filiaram aos grupos de línguas Tupi e Guarani.
- 6 – **Cerâmica de Marajó**, caracterizada pela variedade de estilos de decoração e delicadeza do traçado geométrico; além das tangas, apresenta grande variedade de objetos tais como, fusos, cachimbos, bancos, colheres e vasilhames com bases em pedestal. É também conhecida pelas técnicas em relevo e incisão combinadas com acabamento em argila líquida e bela pintura decorativa em duas ou três cores; motivos antropomorfos e zoomorfos.

Nos anos quarenta, inicia-se uma nova etapa nas pesquisas pré-históricas, com a criação de órgãos de pesquisas e de cursos de especialização nas universidades. Destacaram-se, pelo incentivo e criação desses cursos, o professor José Loureiro Fernandes, da Universidade do Paraná; Paulo Duarte, fundador do Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo e L. Castro Faria, do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A criação, em fins de 1956, no Paraná, do Centro de Ensino e Pesquisas – CEPA, que contou com o auxílio da CAPES e do CNPq, possibilitou a contratação de pesquisadores estrangeiros, concedendo bolsas aos estudantes interessados, e ampliou as possibilidades de especialização em arqueologia.

Pesquisadores franceses e americanos, que realizavam escavações nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, forneciam os princípios teóricos e metodológicos que passaram a orientar os primeiros arqueólogos brasileiros. Cursos de aperfeiçoamento foram ministrados por Wesley Hurt da missão americana; Annette Laming e J. Emperaire, da missão francesa; Clifford Evans e Betty Meggers, do Smithsonian Institution, e Oldemar Blasi, da Universidade Federal do Paraná, além de outros brasileiros.

A partir da década de cinquenta, com a criação dos cursos de especialização, as pesquisas sobre a cerâmica pré-histórica recebem novo impulso. No processo de seu conhecimento, alguns princípios básicos são questionados. Iniciam-se algumas discussões em relação a questões metodológicas, e decide-se abandonar o critério fundamental de classificação utilizado até aquele momento, das formas dos vasos. A cerâmica passa a ser analisada numa perspectiva tecnológica em que se privilegia a consideração de diversos componentes, permitindo relacionar, por exemplo, a preparação da pasta, o antiplástico, as técnicas de manufatura e a dureza, textura, queima e, também, como componente a mais, a forma. No entanto, privilegiam-se dois componentes: o tratamento de superfície e as técnicas decorativas para definir os tipos cerâmicos.

Constata-se também a aparição de certas tentativas de utilizar os conhecimentos sobre a cerâmica como fontes de informação que poderiam fornecer indicadores sobre certos aspectos da vida dos grupos étnicos. Esta procura de relações fica a um nível extremamente geral, não permitindo operacionalizar as hipóteses. Porém interessa indicar a existência de uma consciência por parte dos pesquisadores, no sentido de aproveitar ao máximo a utilização dos dados no estudo da cerâmica e de recuperar informações quanto a outros aspectos da vida social.

A maior parte dos estudos referentes à cerâmica pré-histórica no Brasil visava esclarecer questões relacionadas à sua origem. Procurava-se elucidar se a tecnologia da cerâmica teria sido o resultado de uma evolução técnica dos próprios grupos da região ou se teria sido o fenômeno de transferência tecnológica, originária de migração ou comércio.

Essas questões foram priorizadas, particularmente, no final dos anos quarenta quando surgiu uma proposta metodológica para análise de sítios cerâmicos. Essa proposta teve grande repercussão não apenas no Brasil, mas em vários países da América Latina. Nesta nova perspectiva, alguns elementos da cerâmica, como o tratamento de su-

perfície, os motivos, as técnicas decorativas, as formas e os antiplásticos seriam privilegiados. Segundo essa proposta, a aplicação do método permitiria atingir diferentes finalidades. Assim poder-se-ia:

- 1) segregar tradições culturais;
- 2) estabelecer cronologias relativas;
- 3) indicar contatos e influências entre grupos étnicos;
- 4) estabelecer seqüências de desenvolvimento, utilizadas para identificar os estágios evolutivos e culturais.

Esse método foi primeiramente aplicado na Amazônia. Betty Meggers e Clifford Evans, chegados ao Brasil em 1948 como bolsistas do Vining & Fund, por conta do Departamento de Antropologia da Columbia University, desenvolveram pesquisas nas áreas do Território do Amapá, nas ilhas de Marajó, Mexiana e Caviana, onde foram estabelecidas as primeiras seqüências de desenvolvimento cultural da foz do Amazonas.

Segundo Mário Simões, o método introduzido por Meggers e Evans no Brasil, inédito pelas técnicas sofisticadas e pelos excelentes resultados alcançados, passou a servir como **datum** para futuros trabalhos arqueológicos na Amazônia. Esse fato teria encerrado a etapa especulativa-descritiva da arqueologia brasileira⁵ e as perspectivas metodológicas direcionadas, em especial, para as pesquisas em sítios cerâmicos, predominaram até os dias atuais.

Analisaremos a seguir, o processo histórico de propagação e divulgação desse método, os seus princípios básicos, assim como seus aspectos limitativos na reconstituição do comportamento social dos grupos étnicos pré-históricos.

1.2 – O PRONAPA

1.2.1 – Histórico

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA –, foi um Programa de âmbito Nacional, coordenado pelos pesquisadores americanos, Drs. Clifford Evans e Betty Meggers que integrou pesquisadores brasileiros num sistema metodológico padronizado para os trabalhos de campo e para a análise da cerâmica pré-histórica. O método Ford, como ficou mais conhecido, passou a ser o instrumento

⁵ SIMÕES, M. 1971, p. 174.

principal para análise quantitativa da cerâmica e serviu de guia aos trabalhos desenvolvidos nesse campo.

Consta que as primeiras idéias para o desenvolvimento do PRONAPA tiveram origem no 31º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo, em 1954, quando foram apresentadas por Meggers e Evans, as comunicações referentes aos trabalhos de pesquisas realizados no Território do Amapá e ilhas de Marajó, Mexiana e Caviana. Conforme Evans⁶, teria sido nesta oportunidade que o Prof. José Loureiro Fernandes, diretor do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, fez o convite para ele e Meggers ministrarem um curso nessa Universidade. Contudo, apenas no mês de outubro de 1964, é que foi alcançado esse objetivo.

O curso, denominado "Seminário de Ensino e Pesquisas em Sítios Cerâmicos", foi realizado nas cidades de Curitiba e Paranaquá, de 05 a 29 do mês de outubro de 1964. Iniciado no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Curitiba, foi concluído no Museu de Artes Populares, em Paranaquá. A sua organização ficou por conta do Departamento de Antropologia e pelo Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná, com o apoio financeiro dessa Universidade, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – e da Fulbright Commision. O referido curso contou com a participação de pesquisadores e professores de universidades e museus, pertencentes a sete estados brasileiros, e foi dirigido pelos Drs. Meggers e Evans, do Smithsonian Institution.

Esse curso, com a duração de 24 dias, direcionou a formação de pesquisadores para o estudo da cerâmica pré-histórica, com seminários de ensino intensivo de teoria arqueológica, metodologia, classificação e interpretação da cerâmica, nos quais discutiram-se os processos de padronização para análise e descrição dos vestígios arqueológicos e a situação das pesquisas arqueológicas em cada uma das regiões, representadas pelos diversos participantes. Foram estudadas também possíveis soluções para os problemas de apoio finan-

6 EVANS, 1967, p. 7. Toda a bibliografia consultada faz referência à iniciativa do Prof. J. Loureiro Fernandes para a organização deste seminário, exceto Fonwiler et alii, 1974, p. XIII: "Em outubro de 1964, um segundo passo foi dado para a concretização dos objetivos de Evans. Ele e Betty, apoiados pela Comissão Fulbright e pelo Conselho de Pesquisa da Universidade do Paraná, organizaram um treinamento de um mês para doze arqueólogos brasileiros e três estudantes".

ceiro e institucional, e foi proposta a elaboração de um glossário de termos arqueológicos que resultou na "Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica", publicada em 1966 pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas e pela Universidade do Paraná⁷. Segundo Brochado foi a partir dessas discussões que emergiu o PRONAPA⁸.

Em prosseguimento ao seminário, Evans e Meggers percorreram durante o mês de novembro de 1964, diversos estados brasileiros (RS, SC, PR, RJ, DF, BA, PE, RN, CE e PA), visitando reitores das universidades e diretores dos museus e institutos, para ver as condições locais de cada participante e entrar em contato com outros pesquisadores interessados em arqueologia que, por várias razões, não puderam participar do seminário no Paraná.

7 A discussão dessa terminologia ocorreu no Museu de Arqueologia e Artes Populares, de Paranaguá, como parte da programação do Seminário, de 21 a 27 de outubro. Participaram dessa discussão os "... Professores **Mário F. Simões** (Divisão de Antropologia do Museu Goeldi, Belém - Pará), **Nássaro de A. de Souza Nasser** (Instituto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte, Natal - Rio Grande do Norte), **Valentim Calderón** (Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, Salvador - Bahia), **Maria Heloísa Fenelon Costa** (Divisão de Antropologia do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Guanabara), **Fernando Altenfelder Silva** (Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia de Rio Claro, Rio Claro, São Paulo), **Chislene Celasquez Hudziak** (Museu Paranaense, Curitiba, Paraná), **Igor Chmyz** (Gabinete de Arqueologia, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná), **José Wilson Rauth** (Museu de Arqueologia e Artes Populares, Paranaguá, Paraná), **Pe. João Alfredo Rohr SJ** (Museu do Homem do Sambaqui, Florianópolis, Santa Catarina) e **Walter F. Piazza** (Cadeira de História da América, Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina)". W. F. Piazza fez a redação dos verbetes e a sua distribuição entre os outros especialistas brasileiros para receber sugestões e a redação da terminologia. Esta "... terminologia foi submetida aos seguintes especialistas: Profs. **Lutz de Castro Faria** (da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Guanabara), **Maria da Conceição de M. C. Becker** (Divisão de Antropologia do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Guanabara), **Herbert Baldus** (Museu Paulista, São Paulo), **Paulo Duarte** (Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, São Paulo), **Oldemar Blasi** (Museu Paranaense, Curitiba, Paraná), **Pe. Inacio Schmitz SJ**. (Cadeira de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul), **José Proenza Brochado** (Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul)". CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 5/6.

8 BROCHADO et alii, 1969, p. 3.

Conforme Evans, foi o interesse e o entusiasmo por eles encontrado nos pesquisadores brasileiros, que incentivou a elaboração de um programa nacional no qual houvesse a possibilidade de integração de um grupo de arqueólogos treinado num único sistema de teoria arqueológica, análise e interpretação de dados, especialmente adaptado para o estudo de culturas ceramistas. Assim, em março de 1965, foi preparado um esboço detalhado do PRONAPA e enviado para cada participante do Programa, com a finalidade de que fossem feitas sugestões e de que fossem integrados novos pesquisadores interessados nas pesquisas. O projeto foi preparado com mapas detalhados, previsões orçamentárias, e enviado ao Smithsonian Institution para aprovação e financiamento, e ao Conselho Nacional de Pesquisas do Brasil, para autorização e co-patrocínio⁹.

O PRONAPA contou com a colaboração do Conselho Nacional de Pesquisas (co-patrocinador); Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Comissão Educacional dos Estados Unidos no Brasil – Fulbright Commission; além da assistência prestada pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. A Fulbright Commission era o órgão oficial de ligação entre as instituições e indivíduos que desenvolveram as linhas mestras para a distribuição e contabilidade dos recursos financeiros.

O Conselho Nacional de Pesquisas designou o Museu Paraense Emílio Goeldi para a administração técnica do Programa, divulgação dos resultados, assim como a tradução e publicação do Guia e dos relatórios anuais, sob a direção editorial de Mário F. Simões.

O PRONAPA foi planejado para cinco anos, iniciando -se no final de 1965 os trabalhos de pesquisas de campo. Durante os meses de junho a agosto, Meggers e Evans visitaram todos os pesquisadores envolvidos com o Programa, permanecendo de 05 a 10 dias com cada participante com objetivo de rever os resultados do primeiro ano de pesquisa e auxiliar em qualquer problema de classificação. Desta forma, estaria assegurada a padronização dos trabalhos de campo e as análises e classificações da cerâmica.

9 EVANS, C. 1967, p. 8. Segundo Fowler, foi através do Instituto Smithsonian que Evans deu ao Programa "... o apoio logístico indispensável em termos de carros, barcos, motores, diárias, suplementos e manutenção, enquanto que as entidades brasileiras faziam as publicações dos trabalhos e dedicavam horas de trabalho para as pesquisas". FOWLER et alii, 1974, p. XIII.

No final de cada ano de trabalho, os participantes preparavam os relatórios preliminares de suas pesquisas, os quais constavam dos resumos dos trabalhos de campo, descrevendo, em termos gerais, as seqüências cronológicas relativas.

Durante a execução do Programa, para coordenar e comparar os resultados, houve a reunião de toda a equipe em vários seminários:

O primeiro seminário foi realizado em Mar del Plata, em 1966. Nesse encontro, houve a proposta de que cada participante dividisse o mapa de seu Estado em áreas menores, para fins de cadastramento e planejamento das pesquisas de sítios arqueológicos.

O segundo seminário ocorreu no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, de 15 a 28 de julho de 1968. Nesse seminário, foram avaliados os progressos dos últimos anos.

Consideramos o segundo seminário como um dos encontros mais importantes do PRONAPA, pois foi nessa reunião que, a partir dos dados correlacionados, foram estabelecidas categorias culturais gerais com significados espaciais e temporais. Desta forma, foi aprovada uma infra-estrutura cronológica para o período ceramista e pré-ceramista, e examinados os mapas nos quais haviam sido feitas as divisões regionais e o planejamento dos trabalhos para os dois anos finais. Ainda nesse encontro, foi revista e ampliada a Terminologia para cerâmica, aprovada no seminário de Paranaguá¹⁰.

O terceiro seminário foi realizado em Lima, no Peru, em 1970, quando foi efetuado um balanço crítico dos dois últimos anos, 1968-1970.

Finalmente, houve um resumo final do PRONAPA, no Smithsonian Institution, em 1972.

O PRONAPA encerrou-se formalmente em 30 de julho de 1970, tendo como continuidade o PRONAPABA, programa direcionado especificamente para as pesquisas na região da Bacia Amazônica.

Os procedimentos de levantamento e análise utilizados por Meggers e Evans, em 1948, foram, naturalmente, empregados para coordenar os dados coletados durante o desenvolvimento do Programa. Desta maneira, as questões relativas à conceitualização de fases, tradições, tipos cerâmicos, e a terminologia descritiva padronizada, serviram para comparar os dados de diferentes regiões do país.

¹⁰ "Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica", publicada pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, como Manuais de Arqueologia nº 1, parte 1 (1966) e parte 2 (1969), sendo reeditada em 1976.

Para Fonwler, a expansão do método Ford para análise quantitativa da cerâmica, faria parte das metas de Clifford Evans e J. Ford no sentido de organizar e desenvolver a arqueologia na América Latina¹¹. Essa meta teria sido concretizada com planejamentos de pesquisas arqueológicas e seminários, onde foram transmitidos os princípios básicos metodológicos para as pesquisas.

Entre os seminários de divulgação do método Ford, tivemos o seminário que ocorreu na sede do Instituto de Investigación Etnológica da Universidade de Atlântica em Barranquilla, na Colômbia, organizado pelo Departamento de Assuntos Sociais da Unión Panamericana e financiado pela Organização dos Estados Americanos e a Universidade de Atlântico. Foram convidados pela União Panamericana, para esse seminário, como instrutores, os Drs. James A. Ford, Clifford Evans e Betty Meggers e vários jovens pesquisadores, representantes da Argentina, Brasil, Chile, Guatemala, México, Panamá, Peru, Uruguai, Venezuela e Colômbia. Estiveram reunidos, no período de 25 de junho a 6 de julho de 1961, discutindo novos métodos para estabelecer a sequência cronológica das culturas pré-colombianas e os problemas da arqueologia desenvolvida nos países latinos. Outro seminário, com as mesmas perspectivas e seguindo os mesmos parâmetros do seminário de Barranquilla, foi o ocorrido no Brasil, no Paraná em 1964.

No Peru, em 1967, o Smithsonian Institution e a Universidade Nacional del Centro de Huancayo, organizaram mais um programa de treinamento. Como o PRONAPA no Brasil, o Programa no Peru foi planejado para cinco anos e treinou arqueólogos peruanos no uso do método de análise quantitativa, durante um trabalho de campo nas elevações norte e centro do Peru¹².

A partir dos seminários, das conferências e dos programas de pesquisas no Brasil, várias pesquisas efetuadas utilizaram o método para a análise da cerâmica. Os princípios básicos desse método, para a formação dos participantes dos Programas de Pesquisas Arqueológicas que se seguiram, foram publicados por: 1) Ford em 1962, "Método

11 FONWLER et alii, 1974, p. XIII. Para eles, Clifford Evans e Ford "... não só pretendiam estabelecer uma tipologia comum para um trabalho inicial na América Latina como também juntar os jovens arqueólogos latinos para se conhecerem, trocar idéias e criar uma rede de informação". Fonwler et alii, 1974, p. XIII.

12 MEGGERS, B., EVANS, C., 1970, p. III.

quantitativo para estabelecer Cronologias Culturais" (trabalho preparado para o "Seminário de Estudios de Nuevos Métodos para Establecer Secuencias Cronológicas de Las Culturas Pre-Colombianas en América", realizado em Barranquilla, em 1961); 2) Meggers e Evans, 1966 com "O Guia para Prospeção Arqueológica no Brasil", e no Peru, por sugestão de Ramiro Matos Mendieta, diretor do Programa, publicou-se a edição inglesa de 1967 do manual "Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica", que foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 1970. Esses trabalhos tinham a finalidade de facilitar o treinamento de estudantes e auxiliar na uniformização da metodologia entre todos os participantes.

Na realidade, tanto os seminários como os programas de pesquisas arqueológicas serviram para preparar pesquisadores latino-americanos na teoria e prática da análise quantitativa da cerâmica. Assim, o método Ford se propagou como um fenômeno inovador para análise da cerâmica no Brasil e em outros países latino-americanos.

No Brasil, o PRONAPA não promove apenas o método Ford, mas propaga pressupostos teóricos que caracterizam uma linha de pesquisa americana. Esse Programa surgiu no período de formação acadêmica dos primeiros arqueólogos que orientavam suas pesquisas para o estudo de grupos ceramistas; desse modo, o método foi bem aceito e aplicado em várias pesquisas, inclusive por arqueólogos não vinculados ao Programa.

Durante a existência do PRONAPA e após a sua extinção, alguns pesquisadores brasileiros fizeram críticas, em particular aos métodos de campo, e questionaram a validade do método de análise quantitativa da cerâmica para inferir datações relativas, e a sua aplicação para diagnosticar ou definir as fases e tradições culturais. Porém, estas observações não diminuíram a influência que este Programa teve na arqueologia brasileira. Tanto no plano conceitual como no plano metodológico esse Programa marcou e orientou, de maneira determinante, durante duas décadas, a formação dos pesquisadores e continua a influenciar os novos profissionais.

Assim, o PRONAPA representou no Brasil, o principal meio de difusão do método Ford, a base de formação acadêmica dos arqueólogos que desenvolviam pesquisas nesse campo, e forneceu o quadro geral sobre a dispersão dos grupos étnicos através, sobretudo, do estudo da cerâmica.

1.2.2 – Objetivos

Inicialmente o PRONAPA foi apresentado como um Programa projetado para “abordar, sistematicamente, problemas de cronologias absolutas e relativas em regiões selecionadas do Brasil”¹³. Contudo outros objetivos gerais foram explicitados no decorrer dos dois primeiros anos da pesquisa; entre esses, ressaltam-se os seguintes:

- 1 – estender as pesquisas arqueológicas a outras áreas do país, as quais estavam restritas, nesse período, principalmente à região da Amazônia e ao litoral sul;
- 2 – estabelecer uma cronologia relativa à ocupação pré-histórica no Brasil, e reconhecer as filiações culturais, entre os sítios e regiões, para reconstruir o desenvolvimento cultural e a difusão no Novo Mundo;
- 3 – identificar os sítios arqueológicos de grupos não-agrícolas, cuja subsistência resumia-se à coleta de produtos naturais e caça, para o levantamento de aspectos de desenvolvimento, difusão da agricultura, estabelecimento da antigüidade relativa ao aparecimento das plantas domésticas e às diferenças de velocidade de sua difusão;
- 4 – examinar, na região amazônica, a validade da classificação dos quatro Estilo-Horizontes, realizada em 1961, por Meggers e Evans, e verificar a distribuição geográfica dos vários estilos ou tradições¹⁴;
- 5 – conhecer os processos pelos quais os sucessivos grupos de migrantes pré-europeus adaptaram-se às diversas condições ecológicas do Brasil.

Com o desenvolvimento das pesquisas, algumas questões foram levantadas por Meggers¹⁵, relacionadas às origens e rotas de difusão da agricultura, da cerâmica e das tradições ceramistas, além das questões sobre a análise dos efeitos da dependência do milho ou da mandioca no padrão de colonização, no sedentarismo ou na habilidade de adaptação do homem às diversas zonas ecológicas.

13 EVANS, C. 1967, p. 8.

14 BROCHADO et alii, 1969, p. 24.

15 MEGGERS, 1967.

O PRONAPA, para Fonwler, pretendia, em sua fase inicial, a construção de um padrão histórico-cultural para o Brasil, com programas de treinamento para arqueólogos brasileiros, encorajando as universidades brasileiras a manter pesquisas neste campo e desenvolver um programa de publicações em português de alto nível, para estimular o interesse nacional pela arqueologia¹⁶.

Em síntese, pode-se dizer que o PRONAPA apareceu como uma iniciativa que pretendia atingir multiplicidade de objetivos, destinados a organizar a pesquisa arqueológica no Brasil sob certos alinhamentos determinados que serão expostos a seguir. Consideraremos, com detalhe, os aspectos metodológicos, com a finalidade de mostrar como foram utilizadas as categorias analíticas selecionadas, assim como as hipóteses que deram origem a esta pesquisa.

1.2.3 – Métodos e Técnicas

Na apresentação dos métodos e técnicas utilizados nas pesquisas do PRONAPA, optamos por tomar como linha diretriz, a evolução do projeto, com vistas a poder demonstrar como foram se definindo os diferentes conceitos e a terminologia da arqueologia brasileira.

Durante o "Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos", em 1964, foram discutidos os principais conceitos e os termos técnicos que seriam utilizados para coordenar os dados coletados pelo PRONAPA. Entre esses foram definidos os conceitos de tradição, fase, curva de frequência ou popularidade, corte estratigráfico, tipo, e entre outros o de seriação. Todos eles foram publicados na "Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica", em 1966. Outros termos como o de subtradição foram estabelecidos apenas em 1968, no segundo encontro dos pesquisadores desse Programa. No plano conceitual apresentaremos essas definições na explicação dos procedimentos de campo e de laboratório.

No "Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil", de Evans e Meggers, publicado em 1965, encontram-se os princípios metodológicos e as técnicas que foram empregadas nas pesquisas. Esse guia foi preparado não somente para garantir um sistema padronizado de trabalho de campo, coleta de informações, análise, classificação, mas também para auxiliar cada participante no treinamento de estudantes e

16 FONWLER et alii, 1974, p. XIII.

assistentes. Para Meggers e Evans, a partir desse guia, qualquer pessoa, mesmo sem grande prática em trabalhos de campo, poderia prestar grande contribuição à Arqueologia. Seria suficiente observar os requisitos expostos nesse trabalho, coletar o material e depositá-lo em museus onde seria objeto de estudo e interpretação¹⁷.

Encontram-se nesse guia, as instruções de como deveriam ser preenchidos os catálogos de campo e laboratório; coletadas as informações sobre os sítios; feitos os croquis de localização; coletadas amostras para análise de pólen, solo e carvão para datação por C¹⁴; e preparado o material cerâmico, lítico, ossos, madeiras e conchas para serem armazenados nos depósitos. Explica, ainda, quais seriam os equipamentos básicos para os trabalhos de campo e as técnicas, o tempo de duração de prospecção, a quantidade de sítios e cortes¹⁸ suficientes para o estabelecimento de uma seqüência cronológica que pudesse identificar, preliminarmente, as influências culturais introduzidas nas áreas pesquisadas.

Esse manual que é indicado como guia para prospecção e coleta de amostragem de sítios arqueológicos característicos das terras baixas da América do Sul¹⁹, não pretendia abordar o problema de escavações extensivas e profundas.

As pesquisas planejadas estavam baseadas na hipótese de que o litoral e os rios principais serviriam como rotas de movimentos de povos e idéias²⁰. Desse modo, projetaram no mapa do Brasil as mais importantes bacias fluviais e sugeriram as possíveis rotas de migração e comunicação. A seguir foram escolhidas para as prospecções e

17 EVANS, MEGGERS, 1965, p. VII.

18 EVANS, MEGGERS, 1965, p. 42. Eles consideraram que "... cerca de 30 sítios, com dois cortes-estratigráficos em cada um, servirão como base para uma seqüência cronológica e identificação preliminar das influências culturais introduzidas na área. Esse número de sítio geralmente pode ser explorado em mais ou menos 6 semanas de trabalho de campo". "Caso os sítios sejam pouco profundos, dois ou três deles serão terminados em um só dia. Sítios mais profundos podem requerer um dia inteiro de trabalho. Nesta fase de investigação só excepcionalmente seria necessário mais de um dia para um sítio". EVANS, MEGGERS, 1965, p. 32.

19 "Tais sítios são tipicamente pequenos e pouco profundos (exceto os sambaquis ao longo do litoral), com estratigrafia natural limitada e sem restos arquitetônicos sobreviventes, como paredes ou pisos. Os artefatos limitam-se a cacos de cerâmica e, ocasionalmente, a pedras trabalhadas. Tais sítios raramente compensam uma escavação intensiva, porém, se foram cuidadosamente trabalhados, fornecerão dados importantes para a reconstituição das seqüências arqueológicas locais". EVANS, C., MEGGERS, B., 1965, p. VIII.

20 MEGGERS, B., 1985, p. 369. "The research design proceeded from the assumption that the shore and the major rivers served as primary routes of movement of people and ideas".

escavações, as áreas para onde confluíam os maiores rios e tributários assim como ao longo de seus cursos. Os atuais limites geográficos dos estados foram aproveitados, selecionando-se cinco regiões que representassem diferentes redes de drenagem, para que, em cada ano, fosse pesquisada exaustivamente uma região.

Considerando o pequeno número de pessoal qualificado para o trabalho, os primeiros anos de pesquisas foram concentrados nos Estados onde residiam os arqueólogos participantes do Programa.

1.2.3.1 – Trabalhos de campo

Nas pesquisas de campo, dever-se-ia procurar obter dados para o estabelecimento de seqüências locais, que contivessem dois tipos de informações: 1) dados para uma cronologia relativa, que permitissem datar a primeira ocorrência de traços culturais; 2) dados para uma reconstrução do tipo geral ou nível de desenvolvimento de culturas sucessivas numa seqüência local, o que mostraria se a mudança foi na direção da complexidade crescente ou decrescente, ou se foi mantido um equilíbrio²¹.

Nos trabalhos de campo, foram privilegiadas as prospecções arqueológicas ao invés de escavações intensivas de grandes trincheiras ou escavações totais dos sítios. Assim, para fornecer uma idéia dos diversos sítios da região, seria simplesmente necessário realizar um ou dois **cortes estratigráficos**²² nos sítios que o permitissem e uma coleta sistemática de amostragem de superfície. As escavações intensivas e detalhadas eram programadas para o futuro, caso fosse demonstrada a necessidade das mesmas, após as análises e seriação de todo o material coletado²³.

21 EVANS, C., MEGGERS, B., 1965, p. 7.

22 CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 12. "Corte estratigráfico (Stratigraphic cut – Strata cut) – Escavação em pequena escala para verificação da estratigrafia, por níveis ou camadas, de um sítio arqueológico".

23 CHMYZ em 1969, no trabalho apresentado no Seminário de Tropicologia da UFPE, considerando as despesas dos trabalhos de campo, laboratório e publicações dos relatórios; a extensão territorial brasileira; e a necessidade premente de se traçarem as linhas gerais da pré-história desta vastidão, defende as prospecções arqueológicas em vez de escavações intensivas para o reconhecimento e sondagem de grande número de sítios em pouco tempo. CHMYZ, I., 1976, p. 557.

Para o estabelecimento de uma seqüência regional, seria necessário localizar o maior número possível de sítios e coletar amostras estratigráficas de cerâmica e outros artefatos. As dimensões dos cortes variavam de acordo com a freqüência dos restos arqueológicos.

Nos sítios com cerâmica, seriam necessários, no mínimo, cerca de 100 fragmentos por nível escavado. Essa quantidade permitiria incluí-lo na seqüência seriada da cerâmica para a construção de uma cronologia. O ideal era obter cerca de 150 a 200 fragmentos para cada nível. O corte inicial poderia medir 1,5x1,5 m, e seria ampliado para 2x2 ou 2,5x2,5 m, se quantidade de fragmentos retirados por níveis, fosse inferior ao mínimo estabelecido. Caso houvesse abundância de cacos, seria suficiente um corte de 1x1 m. Se alguns níveis oferecessem menos de cem fragmentos, isto não reduziria o valor do corte, caso a maioria dos níveis possuíssem uma amostra suficiente²⁴.

A técnica de escavação por níveis artificiais foi escolhida porque, segundo Meggers e Evans, estimava-se que os níveis naturais quando tinham pouca espessura ou grande homogeneidade não forneciam informações necessárias para análise das mudanças culturais. Esperava-se portanto, encontrar os indícios cronológicos a partir da análise detalhada dos artefatos. Este procedimento serviria para separar os restos mais antigos dos mais recentes e verificar os índices de evolução ou mudança cultural.

Quanto à profundidade dos cortes-estratigráficos, dever-se-ia atingir uns 50 ou 75 cm, depois que se alcançasse a camada estéril, pois isto revelaria a existência ou não de vestígios culturais em maiores profundidades. Nos sítios que apresentassem um refugo com espessura superior a 10 cm, no mínimo, dois cortes em lugares diferentes seriam necessários para verificar se toda a área corresponderia a uma única ocupação ou mais, e se o local teria sido perturbado. Nos sítios superficiais, com restos arqueológicos expostos, seriam feitas coleções indiscriminadas de fragmentos cerâmicos e líticos.

²⁴EVANS, C., MEGGERS, B., 1965, p. 37/38. A amostragem deveria servir para indicar as tendências de mudanças, na freqüência dos tipos cerâmicos desde os níveis inferiores aos mais superiores da seqüência estratigráfica. Foi proposta por Evans "o uso de pequenos cortes estratigráficos, variando suas dimensões de 1,0x1,0; 1,5x1,5; ou 2x2 m e escavados em níveis artificiais de 10 cm". EVANS, 1967, p. 11.

Nos sítios em que foram encontradas apenas coleções superficiais, seria possível utilizar esses dados para:

- identificação do complexo ou fase cultural representada no sítio;
- inserir o sítio na **seqüência**²⁵ regional para uma datação relativa²⁶.

✓No caso dos sítios com restos arqueológicos esparsos, dever-se-ia coletar todos os fragmentos cerâmicos e líticos. Em contrapartida, nos sítios onde os vestígios fossem abundantes, delimitar-se-ia uma área para a coleta²⁷.

1.2.3.2 – **Análise de Laboratório**

Em laboratório, as amostras eram lavadas, numeradas e analisadas. O material lítico, separado em grupos distintos ou tipos de artefatos, e correlacionado com os padrões de povoamento; enquanto que o material cerâmico era classificado seguindo o método de análise quantitativa.

O procedimento analítico da cerâmica consistia em identificar suas propriedades para caracterizar os tipos. O conceito de tipo cerâmico, adotado pelos pesquisadores do PRONAPA, foi assim definido por Ford, como sendo "... el producto de una combinación de modos de manufatura y de decoración utilizado durante un lapso de tiempo más o menos corto por pueblos habitantes de una región geográfica relativamente pequeña. Por esta razón, el tipo puede ser definido y reconocido por el empleo de un número limitado de materiales desgrasantes, métodos de construcción, acabado de la superficie, cocimiento, formas y decoración. Como no existen límites naturales en cuanto a tiempo y

25 CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 19. "**Seqüência (Sequence)** – Resultado cronológico da análise dos dados obtidos pela estratigrafia ou seriação, expostos metodologicamente".

26 EVANS, C., MEGGERS, B., 1965, p. 15.

27 Caso já fosse conhecida a seqüência local, bastaria coletar fragmentos que possibilitassem identificar o período ou fase cultural presentes no sítio. Isto poderia "... ser determinado, na maioria das vezes, pela presença de cacos decorados que sirvam como diagnóstico das etapas específicas da seqüência". EVANS. MEGGERS, 1965, p. 34.

espacio, estos deben ser fijados por la persona que clasifica durante el proceso de definición del tipo"²⁸.

A primeira classificação dos fragmentos era feita com base na presença ou ausência da decoração de acordo com os seguintes critérios:

- 1) Para os fragmentos **simples** que é a maneira como se designam os não decorados, levar-se-ia em consideração:
 - a – as variações do tempero ou antiplástico; no caso da cerâmica apresentar apenas um antiplástico, como por exemplo, a areia, a variação na dimensão das partículas poderia servir de base para a separação de tipos.
 - b – a variação na cor do núcleo da cerâmica; esta variação poderia refletir diferenças de ventilação, temperatura e duração da queima.
 - c – diferenças no acabamento de superfície; variação no grau de polimento ou alisamento. Este critério apenas seria usado se os fragmentos não apresentassem grandes alterações por erosão.
 - d – diferenças de tratamento de superfície; variação no engobo (ou banho) de diferentes tonalidades²⁹.

2) Para os fragmentos **decorados**:

Na classificação dos fragmentos decorados poderiam ser utilizados os mesmos critérios aplicados para os fragmentos não decorados ou escolher outros.

Assim, essa classificação poderia ser estabelecida:

- a – pela variação de técnicas decorativas, tais como: incisão, excisão, pintura e escovamento;
- b – pela variação de motivos, que incluiria os desenhos simples ou combinados.

28 FORD, J. 1962, p. 27. O conceito de **tipo** na terminologia da arqueologia brasileira aparece da seguinte forma: "**Tipo (Type)** – Grupo de características comuns, que distinguem determinados artefatos, ou seus restos, de outros semelhantes. Para cerâmica usa-se, somente, com aqueles que têm descrição formal". CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 20. Contudo Meggers e Evans fazem a seguinte referência a esse termo: "Um tipo cerâmico, definido em termos evolucionistas, seria uma paráfrase da definição evolucionista de Simpson: "Um tipo cerâmico é uma tradição (uma sequência temporal de vasilhames) evoluindo separadamente de outras, e com seu próprio papel evolutivo e suas próprias tendências". A determinação da validade para tal tipo cerâmico seria sua significação cronológica, sua capacidade de refletir e, por isso, mostrar mudança através do tempo". MEGGERS, EVANS, 1970, p. 8.

29 Foram considerados como processos de **acabamento de superfície** apenas as técnicas de polimento e alisamento. As técnicas de pintura e plástica foram consideradas como técnicas decorativas enquanto que o engobo ou banho, um **tratamento de superfície**.

Outros atributos da cerâmica úteis na observação de mudanças seriam os tipos de vasilhames, as formas das bordas e a espessura das paredes do corpo. A utilização desses atributos dependeria do grau de estabilidade, da popularidade das formas dos vasilhames e do número de bordas da amostra. No caso das bordas, somente seria possível se, as amostras estratigráficas ou de superfície, fossem suficientemente numerosas, ou seja, a partir de mais de cinquenta. Além disso, essas bordas deveriam ser de tamanho suficiente para que pudessem reconstituir a forma e o diâmetro do vasilhame. A espessura da parede do corpo seria considerada quando houvesse diferenças na utilização dos vasilhames, e se mantivessem proporções similares as das paredes finas e grossas dos vasilhames durante um longo período de tempo. O critério básico estaria determinado pela pauta de mudança, verificado pela técnica de seriação.

A **seriação** é uma técnica sobretudo para o estabelecimento de cronologias relativas em sítios arqueológicos não relacionados estratigraficamente, ou com o material de superfície. Pela estratificação, observam-se as evidências culturais ordenando-as em séries nas quais o material mais antigo localiza-se na parte inferior e o mais recente na parte superior; isto em condições normais no processo de formação do sítio.

Como um dos objetivos do PRONAPA era o de estabelecer uma infra-estrutura cronológica, procurou-se através dos componentes da cerâmica construir as seqüências seriadas. Como sabemos, as seqüências eram os resultados cronológicos da análise dos dados obtidos pela estratigrafia ou a seriação.

Pela técnica de seriação, os percentuais, representando os diversos tipos cerâmicos, são calculados e transferidos para tiras de papel milimetrado e intercalados num gráfico para a reconstituição de uma seqüência cronológica das mudanças do complexo cerâmico.

30 "**Seriação (Seriation)** – Manipulação de um conjunto de dados de vários níveis, cortes e coleções de superfície, para alcançar uma seqüência da história de uma cultura". CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 19.

Na construção de um gráfico, dever-se-ia considerar, em primeiro lugar, os percentuais das amostras dos cortes-estratigráficos, obedecendo à ordem estratigráfica das escavações, e depois seriam inseridos os percentuais das coleções obtidas superficialmente³¹.

Na análise, várias tentativas de classificações seriam efetuadas até obter-se uma variação relevante para o ponto de partida da base primária de classificação. A distinção dos tipos cerâmicos somente seria feita após a confirmação de sua validade cronológica pelo processo de seriação³², a partir da análise da **curva de frequência de popularidade**³³. Assim, para identificar os traços que mudam, o melhor sistema seria o de selecionar os sítios que possuísssem o maior número de níveis. Nesses sítios, provavelmente estaria representado um maior intervalo de tempo, e, para verificar se um traço cultural estaria mudando, pegar-se-ia uma amostra do primeiro, do meio e do último nível, observando-se as curvas de frequência de popularidade. As datações³⁴ das amostras de carvões coletadas seriam úteis para indicar a posição dos tipos numa seqüência.

No estudo da cerâmica, dever-se-ia indicar: 1) a posição cronológica do tipo e em que parte da seqüência ele alcançava a mesma popularidade e grau de persistência; e 2) o valor do tipo como indicador de tempo dentro do complexo cerâmico.

Assim, as seqüências seriadas foram usadas para reconhecer os tipos, as fases e tradições. Os tipos foram definidos pela sua significação cronológica, ou seja, sua capacidade de refletir mudança através do tempo³⁵.

As **fases** foram definidas a partir das seqüências seriadas, e representariam fases arqueológicas ou culturais. Elas seriam caracterizadas por tipos específicos de artefatos, padrões de habitação, com um complexo cerâmico, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios³⁶. Essas fases, no PRONAPA, foram estabelecidas primeira-

31 CHMYZ, I., 1976, p. 560.

32 O procedimento técnico da seriação está baseado "... na impossibilidade teórica de que um mesmo tipo reapareça depois que, anteriormente, tenha iniciado o curso normal de desenvolvimento (aparecimento, crescimento até um ponto máximo, e declínio). MEGGERS, EVANS, 1970, p. 79/80.

33 "**Curva de Frequência ou de Popularidade (Trend)** – Tendência percentual, crescente ou decrescente, demonstrada por um tipo numa seqüência". CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 13.

34 As datações pelo C14 eram utilizadas para a correlação das seqüências cronológicas relativas com escalas de tempo absoluto. "Todavia, os resultados estão sempre sujeitos à cuidadosa avaliação arqueológica, podendo ser recusados mesmo no caso de não haver quaisquer índices de contaminação no campo ou no laboratório, caso não correspondam aos resultados da seriação". EVANS, MEGGERS, 1965, p. 45.

mente por coleções de superfícies e características da cerâmica³⁷.

A distinção de fases seguia critérios postos em relevo pelos biólogos, referentes à descontinuidade, diversidade e divergência. Esses critérios eram considerados na técnica de seriação para as segregações das fases. Assim, a descontinuidade seria expressa como uma seriação repentina ou uma lacuna no registro arqueológico, enquanto que a diversidade e divergência, refletiriam o papel da diferenciação dessas fases, dividindo histórico-cultural em unidades temporais e espaciais menores³⁸. Com esses princípios, as frequências relativas dos tipos cerâmicos forneciam as bases para o reconhecimento das fases arqueológicas ou culturais. Se numa amostra ocorressem tipos identificados com uma fase já definida, e suas frequências relativas fossem incompatíveis com sua interrelação na sequência seriada, esses tipos deveriam pertencer a uma outra fase, a menos que essas discrepâncias pudessem ser atribuídas à seleção do material pelo pesquisador, ou algum outro fator externo³⁹.

Resumindo, as distinções entre as fases eram estabelecidas a partir de um grupo de sítios arqueológicos que pudessem ser incorporados a uma sequência seriada sobre as bases das frequências relativas dos tipos cerâmicos. Em alguns casos, um único sítio, apesar de ser limitado às representações espaço/temporais de suas características, poderia, conforme Meggers e Evans, ser suficiente para se reconhecer uma fase⁴⁰.

O termo **tradição**⁴¹ foi empregado para designar uma unidade cultural mais ampla que uma fase; ela cobriria uma área e/ou um tempo maior de duração. Uma tradição era estabelecida pelas caracterís-

35 O problema do arqueólogo consistia em "... identificar os traços que estão mudando de maneira mais rápida e sistemática, utilizando essa mudança para estabelecer uma escala cronológica relativa". (EVANS e MEGGERS, 1965, p. 8).

36 "**Fase (Phase)** - Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios". CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 14. No seminário de 1968 "O termo 'fase' foi adotado para designar complexos culturais arqueológicos, visto não conter implicações de natureza etnológica. Embora uma fase arqueológica signifique sem dúvida um grupo social interagente, por outro lado não esclarece tratar-se de um bando, de uma tribo, de uma subtribo ou de qualquer outra espécie de unidade sócio-política". BROCHADO et alii, 1969, p. 4.

37 EVANS, C. e MEGGERS, B., 1974, p. 9. Justificou-se que "A ênfase dada à cerâmica não implica em cremos que seja esta mais importante que outros aspectos da cultura pré-histórica, simplesmente reflete o fato da cerâmica ser relativamente mais abundante e sujeito a mudanças mais rápidas que outros tipos de artefatos, tornando-a, por isso, particularmente útil para o estabelecimento de sequências cronológicas relativas e para traçar difusão cultural". BROCHADO et alii, 1969, p. 4.

38 MEGGERS, B. e EVANS, C., 1970, p. 88.

39 Idem, 1985, p. 11-12.

ticas das fases que a constituem. Para uma tradição muito extensa no tempo e no espaço, poder-se-ia reconhecer categorias intermediárias que seriam denominadas subtradições. Isto aconteceu na tradição ceramista Tupiguarani, identificada e caracterizada pelos pesquisadores do PRONAPA durante a execução do Programa. A frequência de alguns tipos foi utilizada como indicadora de subtradições ao mesmo tempo que indicadores cronológicos.

Através desses procedimentos, foram traçadas as linhas gerais sobre a pré-história no Brasil e, no plano dos estudos dos grupos ceramistas, foram estabelecidas as principais tradições ceramistas, suas origens e características.

1.2.4 – Resultados

Durante o período de 1965 a 1970, promoveram-se prospecções arqueológicas intensivas em todo o país, com mais de 1500 sítios localizados e mapeados. Com os resultados preliminares apresentados nos relatórios, foram estabelecidas seqüências seriadas e cronológicas relativas nas quinze regiões selecionadas para as pesquisas. As seqüências relativas, em diversos casos, foram confirmadas pela datação por C14.

Os sítios cerâmicos foram agrupados em fases e tradições, inicialmente definidas pelas características da cerâmica. Contava-se compreender as diferenças entre elas posteriormente, a partir das informações referentes ao meio ambiente, à localização dos sítios, à duração de ocupação, às áreas de dispersão, à receptividade, e à aculturação. Essas informações permitiriam levantar hipóteses a respeito da adaptação e mudança cultural dos grupos pré-históricos.

No II Seminário do PRONAPA⁴², realizado em Belém em 1968, após o correlacionamento dos dados, foi aprovada uma infra-estrutura cronológica para o período ceramista da Faixa Costeira. Para essa correlação de dados, foram incluídos os resultados de outros pesquisadores que trabalharam com o mesmo tipo de abordagem do PRONAPA, mas que estavam vinculados ao Programa. Essa integração de dados teria permitido a construção de cronologias regionais e a diferenciação de unidades culturais. Desta forma, foram estabelecidas as distinções

40 MEGGERS, B. e EVANS, C., 1975, p. 24.

41 "**Tradição (Tradition)** – Grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal". CHMYZ, I. (ed.), 1966, p. 20.

LIMITE ENTRE A BACIA AMAZÔNICA E A FAIXA COSTEIRA
Aprovado no II seminário do PRONAPA, em Belém, 1968



- A - Limite das regiões bioclimáticas de clima equatorial e clima tropical quente e sub-sêco;
- B - Limite da Floresta Amazonica;
- C - Limite da Grande Região Norte;
- D - uso da terra.

entre os complexos cerâmicos da Bacia Amazônica e da Faixa Costeira, identificadas novas fases, tradições e as subtradições, e ficou estabelecida a antigüidade relativa de diversas fases pré-cerâmicas.

As seqüências seriadas, principalmente da cerâmica e de outros artefatos, teriam permitido identificar diversos complexos pré-cerâmicos e fases ceramistas. Assim, a partir da infra-estrutura cronológica estabelecida para o período ceramista, foi aprovada uma divisão cultural em duas áreas de **complexos cerâmicos**: a Faixa Costeira e a Bacia Amazônica. Essas áreas teriam correlações com as características do meio ambiente.

Na Faixa Costeira, flora, fauna e potencial agrícola variam de norte a sul, porém contrastariam fortemente com as características ambientais da Bacia Amazônica, onde flora e fauna seriam semelhantes de um extremo a outro, e a utilização pelo homem e a agricultura desta área apresentariam a mesma problemática. O contraste entre esses ambientes teria constituído uma barreira muito mais impenetrável, no que concerne ao movimento de povos ou elementos culturais, do que o impenetrável obstáculo físico formado pela Cordilheira Andina⁴³.

Na pré-história da Faixa Costeira, assinalaram-se, para o período pré-cerâmico, os sítios do litoral — sambaquis, e os sítios do interior; e, para o período cerâmico, todos os outros sítios, que foram agrupados em fases e tradições na base de aparência na cerâmica, decoração e forma.

Das nove tradições ceramistas definidas, sete foram denominadas Tradições Regionais, e são caracterizadas pelas formas simples, não decoradas, dos vasos e pela escassez de decoração, feita por incisão, ponteadado, ungulado, pinçado ou polido estriado. As Tradições Regionais seriam coexistentes, com exceção da Tradição Periperi do litoral da Bahia, às fases locais de Tradição Tupiguarani, outra tradição

42 BROCHADO et alii, 1969, p. 5. Participaram do II Seminário do PRONAPA: **José Proenza Brochado**, UFRS; **Valentin Calderón**, UFBA; **Igor Chmyz**, UFPR; **Ondemar F. Dias Jr.**, (Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara-RJ); **Clifford Evans**, Smithsonian Institution; **Silvia Maranca**, Museu Paulista; **Betty J. Meggers**, Smithsonian Institution; **Eurico Th Miller**, Museu Arqueológico do RS; **Nássaro A. de Souza Nasser**, UFRN; **Celso Perota**, Museu de Arte e História, ES; **Walter F. Piazza**, UFSC; **José Wilson Rauth**, UFPR (desenvolveu um subprojeto de escavações intensivas em sítios do tipo sambaquis, no litoral do Paraná, com a finalidade de esclarecer a antigüidade e relações culturais desses sítios no litoral paranaense); e **Mário F. Simões**, Museu Paraense Emílio Goeldi.

43 BROCHADO et alii, 1969, p. 7.

ceramista localizada nessa Faixa Costeira. Essas inferências foram feitas a partir da datação por C14 e das evidências de comércio ou aculturação na cerâmica⁴⁴.

A Tradição Tupiguarani foi caracterizada pela ênfase dada ao tratamento de superfície e à decoração pintada, corrugada, escovada e e pela grande variedade de formas dos vasos.

Finalmente, identificou-se na Faixa Costeira, a Tradição Neo-Brasileira. Nesta tradição estariam os sítios cujas características da cerâmica apresentavam a combinação de técnicas de manufatura e decoração indígena com elementos de formas européias. Algumas vezes esses sítios estavam associados a vestígios de porcelana, vidro, objetos de metal, etc. Esta tradição está registrada nos Estados do RS, RJ, PR, BA, principalmente nas áreas das primeiras ocupações coloniais.

Na Bacia do Amazonas, poucos vestígios dos grupos denominados pré-ceramistas foram encontrados, devido a vários fatores, entre esses, foi apontada a dificuldade na localização dos sítios por causa da vegetação densa e a escassez de matéria-prima lítica na região. Além do mais, não podemos esquecer que, o maior interesse dos pesquisadores era pela cerâmica. Em consequência, pouco ficou estabelecido sobre a pré-história na região, sendo os resultados preliminares limitados ao período ceramista, para o qual foram identificadas duas fases: Diaurum e Ipavu⁴⁵. No entanto, para comparar a pré-história da Bacia do Amazonas com a pré-história da Faixa Costeira, foram descritos os complexos cerâmicos que tinham sido estudados anteriormente por Meggers e Evans na região da Amazônia. Os Estilos-Horizontes, reconhecidos por eles, foram relacionados às Tradições Hachurada Zonada, Borda Incisa, Policroma, e a Tradição Incisa Pontuada⁴⁶. Assim, para o período ceramista, ficaram estabelecidas as:

44 As Tradições Regionais definidas neste período são as seguintes: Tradição Vieira (sul do RS e adjacências no Uruguai); Tradição Taguara (norte do RS e adjacências em Santa Catarina); Tradição Casa de Pedra (nordeste do RS ao centro do Paraná); Tradição Itararé (leste de Paraná e Santa Catarina); Tradição Una (Rio de Janeiro e Espírito Santo); Tradição Aratu (costa e interior da Bahia e Estados de Goiás, Sergipe e Alagoas); Tradição Periperi (litoral da Bahia).

45 Durante os três primeiros anos do PRONAPA, a área escolhida para pesquisas nessa região foi o Alto Xingu em Mato Grosso. Esperava-se compensar a falta de informações precisas dessa região, e, como sendo uma área relativamente acessível à Faixa Costeira, esperava-se mostrar influências nessa região que não penetraram na própria Amazônia. BROCHADO et alii, 1969, p. 27.

46 Esses Estilos-Horizontes foram caracterizados pela reunião de elementos distintos na decoração da cerâmica, correspondendo, de modo geral, a uma sequência cronológica (MEGGERS e EVANS, 1961) in: BROCHADO et alii, 1969, p. 24.

- 1 – **Tradição Hachurada Zonada**, a mais antiga, cuja decoração principal eram linhas incisas isoladas ou em zonas definidas de fundo hachurado; também apresentava o vermelho e o escovado e cachimbos tubulares. Esta tradição foi localizada na margem do rio Amazonas, em Alenquer e na Ilha de Marajó; possuía sítios-habituação pequeno.
- 2 – **Tradição Borda Incisa**, apresenta complexos cerâmicos enfatizando motivos incisos sobre largas bordas horizontais de tigelas, cachimbos tubulares, estatuetas (mais raro), batoques auriculares e labiais, carimbos planos e circulares. Está localizada ao longo do Amazonas, Alto rio Orinoco e Ilha de Marajó.
- 3 – **Tradição Policroma**, caracterizada pela grande proliferação de decoração (incisão, excisão, acanalado sobre superfície simples ou engobadas de vermelho ou branco, ponteados), além da variedade de técnicas e complexidade dos padrões e motivos. Também são típicas as estatuetas, rodela de fuso, colheres, bancos e suportes de painéis. Localiza-se nas proximidades do rio Coari, no leste do Equador, e na foz do Amazonas. Em Marajó, os grupos desta tradição teriam construído grandes aterros. Os sítios são extensos, em áreas com refugos superficiais e sepultamentos secundários em urnas.
- 4 – **Tradição Incisa Ponteados**⁴⁷, a cerâmica é caracterizada pela modelagem sob a forma de baixos-relevos ou de adornos biomorfos sobre a borda ou parede de vasilhame, ocorrendo a pintura, a incisão retilínea (predominante) com linhas paralelas uniformemente espaçadas e ponteados associados. As urnas são pequenas e, às vezes, foram encontradas com restos cremados. Também aparecem estatuetas. Os sítios desta Tradição foram localizados ao longo do Amazonas, a leste do rio Negro, na área de Santarém e Território do Amapá.

A partir dos primeiros resultados do PRONAPA, alguns problemas foram levantados:

- os sítios sambaquis e os pré-cerâmicos do interior seriam vestígios do mesmo grupo que alternava a caça e a coleta do interior com pesca e coleta de moluscos no litoral, ou seriam independentes?

47 BROCHADO et alii, 1969, p. 26 – Tanto a Tradição Incisa Ponteados como a Tradição Policroma, foram designadas por conveniência "... apenas por uma de suas técnicas decorativas diagnósticas".

- qual seria o significado da tradição ceramista Tupiguarani, caracterizada por considerável grau de homogeneidade na forma e decoração, desde o Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai, até o Ceará, próximo à foz do Amazonas?
- quais as alterações nos meios de subsistência e no padrão de povoamento que acompanharam a dispersão da tradição Tupiguarani de norte a sul do país?
- qual a velocidade de difusão das tradições e subtradições ceramistas?

Ao comparar a pré-história da Bacia Amazônica e da Faixa Costeira, afirmou-se que elas teriam seguido um curso paralelo já que a manufatura da cerâmica surgiu na foz do Amazonas e no litoral da Bahia, cerca de 1.000 A.C.; nas duas áreas encontram-se grupos empregando técnicas plásticas na decoração da cerâmica e representantes locais de uma ampla tradição pintada, associada com sepultamento secundário em urnas⁴⁸.

A Tradição Policroma se estende desde as bases dos Andes até a Ilha de Marajó, numa distância de 4.800 km, e a Tradição Tupiguarani cobre uma distância equivalente no litoral. Os fatores ecológicos, topográficos, climatológicos e de subsistência, contribuíram para a grande dispersão das tradições. A cerâmica da Faixa Costeira apresentaria um quadro relativamente homogêneo, enquanto que a cerâmica da Bacia Amazônica, que recebeu influências de diversas culturas do Norte e Oeste, seria heterogênea.

O PRONAPA tem sido apresentado como uma experiência bem sucedida por transformar a faixa costeira em uma das áreas mais conhecidas das terras baixas sul-americanas, e por construir um modelo cronológico e geográfico que serviria de bases para pesquisas posteriores. Ao terminar, o Programa, além de ter exercido uma marcante influência nas linhas gerais da pré-história brasileira, teria alcançado, segundo Evans e Meggers, os seguintes objetivos:

- 1 - a padronização de uma nomenclatura referente aos sítios e à terminologia cerâmica;
- 2 - a adoção de um critério uniforme para designação de fases arqueológicas e procedimentos para evitar duplicações de nomes;
- 3 - a elaboração de mapas de cada Estado e Território, com subdivisão em áreas arqueológicas para fins de cadastramento padronizado de sítios⁴⁹.

48 BROCHADO et alii, 1969, p. 28.

49 EVANS, C., MEGGERS, B., 1974, p.8.

Após a estruturação das linhas gerais da pré-história, definidas no seminário de 1968, inúmeras fases arqueológicas foram filiadas às Tradições Regionais ou à Tradição Tupiguarani, além das novas tradições ceramistas que foram criadas. Para Meggers e Evans, as informações recolhidas sobre a Tradição Tupiguarani foram suficientes para reconstituir a difusão e observar seu impacto sobre os demais grupos⁵⁰.

1.3 – A TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Como foi indicado anteriormente, a partir das seqüências serializadas da cerâmica, ficaram estabelecidas, para o período cerâmico da Bacia do Amazonas, as tradições ceramistas Hachurada Zonada, Policroma, Incisa Ponteadas, e Borda Incisa; e, para o litoral, as tradições Regionais e a tradição Tupiguarani.

Vamos considerar a Tradição Tupiguarani de maneira particular, como um exemplo com o qual pretendemos ilustrar a contribuição do PRONAPA no seu estabelecimento e na aplicação do procedimento do trabalho utilizado. Procuraremos ressaltar sobretudo as relações entre os aspectos etnolingüísticos dessa tradição e sua definição no plano cerâmico.

A Tradição Tupiguarani é fruto de uma relação complexa entre dois tipos de classificações, uma lingüística e outra cerâmica, que tem origem na história da pesquisa etnográfica do país. Trata-se de uma classe cerâmica, que coincide com as primeiras classificações etnográficas feitas em torno dos grupos étnicos Tupi e dos grupos étnicos Guaraní. Isto significa que os parâmetros iniciais que caracterizavam a cerâmica, originavam-se em disciplinas outras, não especializadas nos estudos das coleções cerâmicas. Desta forma, na análise da origem do termo "Tupiguarani", deveremos considerar a associação lingüística das línguas Tupi Antigo (Tupinambá) e o Guaraní Antigo, ambos conhecidas por documentos dos séculos XVI e XVII⁵¹.

A primeira associação lingüística referente ao termo realizou-se a partir das informações sobre os grupos étnicos que ocuparam o país. Essas informações foram acumuladas desde o contato por um grande número de cronistas, viajantes e etnólogos estrangeiros que registraram diversos costumes indígenas. Conforme esses dados, o litoral bra-

50 MEGGERS, B., EVANS, C., 1980, p.19.

51 RODRIGUES, A.D., 1986, p. 30.

sileiro estava ocupado por índios, entre os quais predominavam uma língua Tupi⁵². Posteriormente, as classificações lingüísticas integraram grupos étnicos da região da costa em várias famílias lingüísticas pertencentes a um tronco comum denominado Tupi. Uma dessas famílias lingüísticas ficou conhecida com o nome de Tupiguarani, incluindo-se nela os grupos étnicos de língua tuoi (tupinambá) e os de língua guarani.

No plano da cerâmica, existem referências que indicam a existência da utilização do mesmo termo, Tupi-guarani, para designar um tipo de cerâmica com certas características, que era encontrada na costa e no leste sul do país. Essas inferências foram feitas a partir dos trabalhos de Staden, que relata o processo de manufatura da cerâmica; de Lery, que descreve a diversidade das formas realizadas, assim como a sua utilização; de D'Abbeville, que fornece principalmente informações sobre o tratamento de superfície das peças; e de Ehrenreich, que fornece as primeiras informações arqueológicas associadas à cerâmica Tupi e Guarani.

Ainda no plano da cerâmica, deveremos considerar as contribuições de Metraux, que fez um estudo etnográfico sobre o que ele chama de tribos Tupi-Guarani. Em seu trabalho *La civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*, apresenta um capítulo sobre as técnicas cerâmicas desenvolvidas por esses grupos, e descreve, de forma particular, as características da cerâmica Guarani.

Segundo Metraux, a cerâmica guarani era manufaturada pela técnica acordelada e suas peças apresentavam características de três tipos:

- 1) as simplesmente polidas e sem ornamentação;
- 2) as decoradas pela unguação; e
- 3) as pintadas com tintas vermelhas e pretas sobre um fundo branco cujos desenhos eram muito simples com motivos semelhantes às composições geométricas.

O traço mais característico da cerâmica guarani era a utilização da unha ou da impressão digital para a decoração das peças, porém, esta técnica de decoração não seria de origem guarani. Essa técnica teria vindo do sul do continente e, segundo Metraux, ter-se-ia difundido entre os guarani e, possivelmente, entre os grupos tupinambás. De modo geral, na produção da cerâmica, as tribos Tupi-guarani utilizaram diversos recursos técnicos. Algumas tribos conheciam técnicas de im-

52 MELATTI, J.C., 1983.

pressão, outras de engobo, outras usaram o verniz, outras, a pintura; enfim, outras faziam suas peças de formas globulares e outras, com asas. Apenas duas dessas técnicas eram comuns à maioria das tribos, a pintura e o verniz⁵³.

Assim, a partir de um certo período, a cerâmica da costa e sul do país, e da bacia do Paraná, foi atribuída aos Tupi-Guarani, sendo caracterizada por parâmetros gerais, tais como, variedade de formas pintadas com desenhos retilíneos e repetitivos, em vermelho e preto sobre um engobo branco⁵⁴.

Como foi indicado, tanto no plano lingüístico como no plano da cerâmica, integrar-se-iam numa única classe, um conjunto de grupos étnicos que habitaram a zona da costa desde o norte ao sul do País. As características eram, conseqüentemente, de caráter muito geral, as quais abrangiam grandes extensões geográficas e integravam uma importante diversidade cultural. Desde esse período, nota-se uma tendência de associar à família lingüística Tupi-Guarani um tipo de cerâmica, cujas características técnicas descritas pelos cronistas e etnólogos, corresponderiam às técnicas praticadas pelos grupos Tupi e pelos Guarani.

Nos antecedentes do surgimento da utilização do termo Tupi-Guarani, é importante lembrar que, na primeira metade do século XX, um dos quadros teóricos que orientavam as pesquisas em pré-história, era o difusionismo cultural. Concedia-se importância principal ao estudo das origens e migrações dos diferentes grupos étnicos e procurava-se identificar os focos de cultura mais desenvolvida, a partir dos quais teriam surgido diversas formas de contato que possibilitariam a transferência de características culturais de um grupo étnico para outro.

Este seria o contexto teórico de referência que se trabalhava sobre os grupos étnicos da área da costa, designados como Tupi-Guarani, quando se iniciaram os primeiros trabalhos do PRONAPA.

Antes do PRONAPA, existe a utilização do termo tradição Tupi-Guarani, sem precisar o alcance conceitual desse termo. No trabalho de Metraux sobre a civilização das tribos Tupi-Guarani foram considerados diversos aspectos da cultura dos grupos pertencentes a esta família lingüística. Assim, falar em tradição Tupi-Guarani implicaria estar falando, implicitamente, de tradição cultural Tupi-Guarani, sendo

53 METRAUX, A., 1928, p. 246.

54 WILLEY, G., 1949, p. 158.

que esta tradição estaria caracterizada por uma série de aspectos culturais que poderiam ser compartilhados pelos diferentes grupos étnicos que a compunham.

O PRONAPA, com o objetivo de sistematizar os termos utilizados na arqueologia brasileira, retoma o conceito de tradição Tupi-Guarani, na ocasião do II Seminário que se realizou em Belém, no curso do ano de 1968, e decide:

- 1) Introduzir uma mudança gráfica e conceitual, a partir da qual passa-se a chamar tradição Tupiguarani ao invés de Tupi-Guarani.
- 2) Estabelecer uma definição do que se denominará como tradição Tupiguarani. Assim, o relatório do II Seminário menciona o seguinte: "Após a consideração de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas, foi decidido rotular como "Tupiguarani" (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o termo consagrado pela bibliografia e também a informação etno-histórica estabelecer correlações estre as evidências arqueológicas e os falantes de línguas Tupi e Guarani, ao longo de quase todo o litoral brasileiro"⁵⁵.

Nesta definição existe claramente o desejo de utilizar um termo de origem etnográfica para designar um tipo de cerâmica que seria atribuída aos grupos étnicos pertencentes à família lingüística Tupi-Guarani. Portanto, o termo Tupiguarani teria sido estabelecido, nesse período, para denominar um tipo de cerâmica amplamente difundido no litoral brasileiro. A tradição Tupiguarani, segundo esta definição, não seria uma tradição cultural, mas uma **tradição ceramista**.

Quanto a esse aspecto, os termos utilizados no PRONAPA não apresentam nenhuma ambigüidade, a nova palavra Tupiguarani denominaria uma tradição ceramista "...caracterizada pela ênfase dada aos tratamentos pintado, corrugado e escovado de superfície, e pela grande variedade de formas dos vasos..." identificada por toda a Faixa Costeira⁵⁶.

O problema aparece, quando, no mesmo ano em que ficou estabelecido e definido o termo tupiguarani para identificar uma tradição ceramista, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná publicou a II parte do Manual de Arqueologia e, na introdução, seu editor, Igor Chmyz, precisa que está intregado

55 BROCHADO et alii, 1969, p. 10.

56 MEGGERS, B.J.; EVANS, C., 1969, p. 9.

pelos "... novos termos relacionados à cerâmica arqueológica que foram debatidos e definidos. Estes termos, bem como alguns dos anteriores, agora revisados, integram a presente **Terminologia**"⁵⁷. Esses novos termos tinham sido discutidos na ocasião do II Seminário do Programa, no qual tinha sido aprovada a infra-estrutura cronológica para o período ceramista, e definidas as tradições ceramistas.

Nesta terminologia, o termo **Tradição Tupiguarani (Tupiguarani Tradition)** está definido como: "Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelha e ou preta sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enteramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tambetás"⁵⁸. Significa que, no mesmo ano, o termo tradição Tupiguarani é utilizado pelo PRONAPA para definir uma **tradição cerâmica e uma tradição cultural**, sendo que este último inclui os componentes caracterizadores da cerâmica. Para a conceitualização de uma tradição cultural, foram considerados quatro tipos de elementos:

- 1 – cerâmica;
- 2 – sepultamento;
- 3 – material lítico;
- 4 – ornamentos.

Posteriormente iremos observar que a associação com o parâmetro lingüístico foi objeto de certas precisões. Conforme Meggers e Evans, mesmo que não se justificasse concluir que todos os produtores de cerâmica Tupiguarani fossem falantes Tupi-Guarani, ou ainda, que todos os sítios com outros tipos de cerâmica tivessem sido habitados por falantes de outras línguas, pareceria relativamente seguro concluir que a correlação, de maneira geral, seria perfeitamente válida⁵⁹. Assim, se este foi o mesmo raciocínio utilizado no PRONAPA para definir a tradição, teria sido aceitável integrar, dentro do termo tradição Tupiguarani, os componentes da cultura material e lingüística dos povos que se encontravam dispersos na faixa costeira do país. Além disso, segundo os mesmos autores, os restos arqueológicos encontrados ao longo de toda a costa do Brasil ao sul do Amazonas representariam uma **única tradição cultural**; este teria sido o caso do "complexo Tupiguarani"⁶⁰.

57 CHMYZ, I. (ed.), 1969, p. 3.

58 CHMYZ, I. (ed.), 1969, p. 8.

59 MEGGERS, EVANS, 1973, p. 54.

60 Meggers, B.; EVANS, C., 1970, p. 92.

Durante a reunião do II Seminário do PRONAPA, mesmo que tenham sido aceitas as possibilidades de caracterizar uma tradição cultural com diferentes tipos de componentes da cultura material, a cerâmica foi considerada o elemento diagnóstico da tradição. Essa ênfase dada à cerâmica era justificada pelo reconhecimento de que ela teria sido o elemento que teve mais sucesso para se estabelecer as distinções entre os complexos cerâmicos do que outros componentes da cultura material. Justificava-se que o "Reconhecimento de diferenças expressivas entre os complexos cerâmicos foi mais satisfatório, em parte por não ser a preservação diferencial fator principal e, por outra, por terem sido nossas primeiras atenções dirigidas para o período cerâmico"⁶¹.

Esta explicação mostra uma posição definida no sentido de privilegiar o estudo da cerâmica. Ela seria o elemento da cultura material mais abundante e sujeito a mudanças mais rápidas que os outros tipos de artefatos, por isso útil para o estabelecimento de seqüências cronológicas e, além disso, porque o período privilegiado era o período cerâmico das culturas pesquisadas. Nessa perspectiva, a cerâmica passou a ter a principal posição hierárquica que se traduz na escolha desse critério para o estabelecimento de subtradições culturais no interior da Tradição Tupiguarani.

A partir dessas informações, observa-se que, para definir a tradição cultural Tupiguarani, foram utilizadas diferentes parâmetros, cerâmica, sepultamentos, lítico e ornamentos, sendo que as características da cerâmica foram consideradas principais. Contudo, para definir as subtradições no interior da Tradição Tupiguarani, foram utilizadas como parâmetro diferenciador, as características da decoração cerâmica. Esse critério serviria como diagnóstico preliminar, e os outros elementos da cultura material seriam associados ao perfil cultural de cada subtradição. Assim, de acordo com a predominância de um tipo de decoração, caracterizavam-se subtradições culturais. A utilização do termo predominância de uma técnica decorativa em relação a outra, implica a coexistência de todas as outras técnicas decorativas que caracterizam a tradição. Entende-se por predominância a maior frequência quantitativa da variável decorativa escolhida em todo o universo de fragmentos cerâmicos.

Desta forma, na Tradição Tupiguarani ficaram estabelecidas as seguintes subtradições:

61 BROCHADO et alii, 1969, p. 10.

- 1) Sub-tradição **Pintada**, caracterizada no conjunto cerâmico pela predominância da decoração pintada sobre as decorações corrugada e escovada. Tratava-se da mais antiga das subtradições identificadas.
- 2) Sub-tradição **Corrugada**, caracterizada pela predominância da cerâmica com decoração corrugada sobre as decorações pintada e escovada. Essa subtradição é mais recente que a subtradição pintada.
- 3) Sub-tradição **Escovada**, caracterizada pela predominância da cerâmica com decoração escovada sobre as decorações corrugada e pintada. Pelas informações, trata-se da subtradição mais recente, localizada ao norte do Paraná. A sua ausência em outras áreas significaria que essa subtradição seria recente, sem tempo de difundir-se.

Assim, durante o PRONAPA, a partir das seqüências seriadas dos tipos cerâmicos definidos, foram estabelecidas as fases da Tradição Tupiguarani, definidas as subtradições e identificada a sua distribuição por áreas geográficas de acordo com os sítios pesquisados.

Em cada uma destas subtradições, estavam integradas diversas fases arqueológicas ou culturais. Como foi referido, essas fases foram estabelecidas a partir dos tipos cerâmicos observados em cada sítio. Esses tipos, no PRONAPA, foram definidos sobretudo pelas técnicas decorativas e os tratamentos de superfície, que foram considerados como dois procedimentos diferentes. Neste caso, os aspectos das técnicas decorativas são elementos específicos e não gerais como os que foram considerados para definição das subtradições. Levou-se em conta, por exemplo, a presença relativa das cores utilizadas, ou as diferentes modalidades do corrugado que eram identificadas nos fragmentos; neste caso, não era somente a presença ou ausência da aplicação da técnica pintada ou corrugada. Assim, a identificação de uma passagem de uma fase a outra era feita pela frequência dos tipos cerâmicos que permitia identificar as predominâncias. Mas quando ocorriam casos de co-dominância de tipos em uma fase, isto significaria que tratava-se de uma fase de transição de uma subtradição para outra. Fases com estas características foram identificadas na Sub-tradição Corrugada, tanto no Estado do Rio de Janeiro, como no Rio Grande do Sul. No Rio, a fase Itabapoana, e no Rio Grande do Sul, a fase Paranhana, são fases nas quais existem indícios de transição entre a Sub-tradição Corrugada e a Sub-tradição Escovada.

Entretanto, uma fase, de acordo com as definições do conceito utilizado no PRONAPA, significa uma mudança cultural. No caso da

LOCALIZACAO DAS FASES COMPONENTES DAS SUBTRADICOES PINTADA, CORRUGADA E ESCOVADA

Da tradicao ceramica Tupiguarani - PRONAPA, 1969



Tradição Tupiguarani, as mudanças teriam sido estabelecidas, de acordo com esses parâmetros, pela variação relativa de um só tipo. Esse poderia ser, dessa forma, um acabamento de superfície polido, alisado, ou a variação de um antiplástico. Assim, todos os elementos teriam um valor igual no momento em que fossem considerados como indicadores de variação. No exemplo citado acima, a transição entre a Sub-tradição Corrugada e a Sub-tradição Escovada implicaria a existência de um grupo cultural diferente da Sub-tradição Corrugada e diferente dos da Sub-tradição Escovada. A técnica cerâmica tornou-se parâmetro de estabelecimento de grupos étnicos, que foram considerados diferentes somente pela variação de um componente. A consideração de todos os elementos cerâmicos como indicadores de variação inclui também elementos técnicos que são de utilização universal, como é o caso do tratamento polido como técnica de tratamento de superfície.

Uma outra consideração a ressaltar é que, no PRONAPA, os traços da cerâmica foram utilizados com uma dupla função. No primeiro aspecto, numa perspectiva difusionista, procurava-se identificar os pontos de dispersão dos traços cerâmicos assim como a velocidade dessa dispersão, constatando-se as rotas dos elementos decorativos pintados, escovados, e corrugado. Enquanto que, no segundo aspecto, utilizando-se os mesmos parâmetros, procurava-se distinguir grupos étnicos, como se esses elementos fossem específicos ou suficientes para distinguir um grupo étnico.

1.4 – ANÁLISE AVALIATIVA

Apesar do PRONAPA ter sido apresentado como um Programa organizado em conjunto com os interesses dos pesquisadores brasileiros, percebe-se claramente que as pesquisas que foram desenvolvidas estavam dirigidas no sentido de resolver questões, sobretudo, de interesse dos pesquisadores americanos. Esse interesse está refletido nos problemas relativos aos movimentos migratórios e às rotas de difusão do período pré-europeu no território nacional. A participação dos nossos pesquisadores nessa iniciativa foi importante na medida em que mostra que a origem desse Programa baseava-se nas necessidades de uma pesquisa específica. Sendo assim, para compreender o desenvolvimento dos trabalhos na arqueologia brasileira nas décadas de cinquenta e sessenta, é essencial compreender quais eram os objetivos dessas pesquisas, e da mesma forma, é importante compreender o quadro teórico no qual eles foram formulados.

Em primeiro lugar, o quadro teórico é o mesmo no qual estava inserida a maior parte das pesquisas arqueológicas, tanto na Europa como nos Estados Unidos, na primeira parte do século XX. Trata-se de uma abordagem do tipo histórico do estudo da pré-história, na qual se procura reconstituir os acontecimentos dos períodos prévios aos registros escritos da história.

Com esse objetivo, os trabalhos teóricos se desenvolviam, procurando-se ligar gradativamente o que se conhece dos acontecimentos históricos aos vestígios da cultura material obtidos pelas pesquisas arqueológicas; procurando-se relacionar o tempo conhecido ao tempo desconhecido, mas que ainda estaria próximo ao tempo histórico. Esta perspectiva teórica parte de um princípio segundo o qual as civilizações desenvolvem-se em regiões bem delimitadas e podem difundir-se. Assim como, elementos da civilização do oriente se difundiram no ocidente, o mesmo processo poderia ter ocorrido com certos elementos da cultura material que teriam sido transmitidos, gradativamente, a povos da proto-história e da pré-história. Contudo, para que isto aconteça, deve existir um ponto geográfico de difusão e uma zona geográfica de alcance da difusão dos componentes materiais. Assim, procura-se identificar traços da cultura material que teriam sido objeto de difusão e que permitiriam identificar as culturas que foram, direta ou indiretamente, influenciadas por outras culturas. Por esse princípio, seria inegável o fato de que diferentes grupos étnicos mantiveram contato entre si e que essa interação geraria intercâmbios de técnicas e componentes da cultura material.

Essa posição difusionista das civilizações possui certos implícitos que devem ser precisados. Primeiro poderíamos mencionar que numa perspectiva difusionista, a noção de diversidade étnica está ligada à existência de uma unidade cultural mais antiga e também de uma origem cultural exterior à área geográfica estudada. Essa unidade mais antiga seria uma classe geral, caracterizada também por componentes muito gerais, que apareceriam nos diversos grupos étnicos, susceptíveis de terem experimentado os efeitos da difusão. O processo de diversificação seria apenas uma escala mais particular do fenômeno estudado. Assim, as classes de uma escala mais particularizada seriam consideradas como um processo de diversificação. No plano lingüístico, a classificação das línguas levaria a uma hipotética língua, ou seja, a um tronco comum que poderia ser situado no tempo e no espaço.

Nas teorias difusionistas, um outro postulado implícito é relativo à idéia de progresso. As grandes invenções somente se produziriam

uma vez e, a partir do centro de invenção, produzir-se-ia um processo de difusão que ocorreria muito devagar pela transferência da tecnologia entre os povos, como resultado de influências culturais. Neste caso, pretende-se afirmar que alguns grupos seriam mais inovadores que outros e que progrediriam também mais rápido que outros. Existiria, então, para diferentes regiões, grupos mais criativos onde aconteceria os processos de difusão. Nessa perspectiva, portanto, escolhem-se algumas variáveis isoladas de todo o contexto, ordenando-as e procura-se interpretá-las no tempo e no espaço e, desta forma, a classificação torna-se um processo histórico.

Esta seleção de traços culturais, com a finalidade de identificar culturas, supõe que eles estariam ligados uns aos outros em conjuntos homogêneos; porém os estudos antropológicos demonstram que os traços culturais raramente se associam em grupos homogêneos, e que se manifestam como traços independentes uns dos outros. Os estudos antropológicos mostram também que a relação de superposição entre etnia, língua e cultura é muito aproximada e, com igual frequência, inexistente, o que faz que esta perspectiva seja questionável para a reconstituição pré-histórica.

Nesse contexto teórico foram iniciadas as pesquisas do PRONAPA no Brasil. Esperava-se que os dados coletados pudessem oferecer "... informações sobre as rotas e direções de migração e difusão, como ainda, proporcionar a elaboração de seqüências do desenvolvimento cultural de povos pré-europeus". (...) Por isso, sobre "... um mapa do Brasil foram projetadas as principais bacias fluviais e sugeridas as possíveis rotas de migração, mostrando que, em virtude do melhor conhecimento arqueológico da Argentina, Chile, Peru, Equador, Colômbia e Venezuela, a vasta área do Brasil não pode continuar a ser ignorada arqueologicamente..."⁶². Como está indicado tratava-se de uma pesquisa geral para situar as grandes linhas de movimentos migratórios que teriam acontecido no Brasil, considerando o contexto geral dos países da América Latina. Esse contexto já seria conhecido por existirem estudos mais desenvolvidos.

A primeira observação crítica que podemos fazer tem relação com a delimitação do objeto de estudo e do desequilíbrio de informações entre os pesquisadores do PRONAPA. Nesse último aspecto, observa-se que existe pouca informação, nos conteúdos dos relatórios dos trabalhos desenvolvidos pelos arqueólogos que dele participaram,

62 EVANS, C., 1967. p. 9.

em relação aos objetivos que seriam atingidos com o desenvolvimento do Programa. Nos trabalhos consultados, os objetivos aparecem de forma excessivamente ambígua e com pretensões bastante amplas. Em relação ao objetivo declarado acima, justifica-se a necessidade de fazer um levantamento de dados em todo o Brasil por existir um desequilíbrio de informação arqueológica com relação ao resto dos países vizinhos. Nesse caso, o conhecimento que existiria nos países poderia ter fornecido um quadro de referência teórica que permitisse levantar hipóteses para dar início ao estudo da pré-história no Brasil. Porém, essas hipóteses não estão formuladas em nenhum trabalho consultado referente ao Programa, como também não existe nenhuma formulação teórica explícita que teria resultado de um intercâmbio com os pesquisadores participantes. A leitura desses trabalhos levaria a pensar na ausência de um quadro teórico do tipo difusionista, e, sobretudo, levaria a pensar na ausência de formulação de um conjunto de hipóteses que orientariam as pesquisas e determinariam os critérios de obtenção de dados.

O PRONAPA se estruturou para a obtenção de dados de dois tipos:

- 1 – "dados para a elaboração de uma seqüência do desenvolvimento cultural"; e
- 2 – "dados para o conhecimento definitivo das direções de influências, migração e difusão"⁶³.

Porém estes objetivos gerais não foram precisados, pois não se encontram explícitas as propostas de linhas e direções da migração e difusão para as quais foram iniciadas as pesquisas em todo o país. Provavelmente existiriam essas hipóteses, pois, caso contrário, tratar-se-ia simplesmente de um trabalho de levantamento técnico. Possivelmente as propostas de migração e difusão poderiam ser as que são deduzidas dos trabalhos posteriores à primeira etapa do PRONAPA, contudo fazemos essas deduções com as restrições próprias de tal procedimento.

Considerando as linhas e as orientações de movimentos migratórios que se pretenderia confirmar, uma alternativa poderia ser a eventual influência das culturas andinas que teriam atingido, pelas vias fluviais, o sul do País e a região do baixo Amazonas. Nesse sentido, Meggers e Evans afirmam que: "Dois dos troncos lingüísticos mais

63 EVANS, 1967, p. 9.

difundidos – Tupi-Guarani e Arawak – possuem representantes fora da Amazônia, e várias características da cerâmica, que compreende a massa de evidência arqueológica, encontram-se também largamente distribuídas fora dessa região⁶⁴.

Assim, a partir dessa observação podemos pensar que o estudo da distribuição dos grupos dessa região teria sido parte dos objetivos teóricos das pesquisas desenvolvidas no PRONAPA. A procura de dados para a elaboração de seqüências cronológicas e da distribuição geográfica dos complexos arqueológicos levaria a constatar, ou não, a distribuição dos grupos no Brasil em relação aos outros países vizinhos. As informações não eram, portanto, exaustivas de caráter descritivo, que se procurava obter, mas eram dados muito precisos, correspondentes a um período determinado e com procedimento metodológico bem definido e difundido entre os pesquisadores.

Um outro aspecto relativo à construção da pesquisa que nos chama a atenção, é a delimitação de duas áreas de estudos: a Bacia Amazônica e a Faixa Costeira. Esta última limita-se com a Bacia Amazônica, a qual foi considerada como uma unidade, abrangendo a região da costa do País de norte a sul e toda a extensão para o oeste, incluindo a região do semi-árido. Nesse sentido, mais uma vez verifica-se a importância da cerâmica nessas pesquisas. Privilegiou-se o estudo da cerâmica, para a qual os aspectos ambientais não provocariam variações significativas. Afirmava-se que as características do meio ambiente seriam consideradas numa segunda instância da pesquisa, em que se verificaria como as diferentes culturas segregadas pelas características da cerâmica seriam influenciadas pela ação desse fator e agiriam no sentido das dispersões dos grupos étnicos. As variáveis ecológicas, dessa forma, ficaram num segundo plano. Além disso, não se considerou que, na produção da cerâmica, os grupos utilizam matérias-primas, tais como, aditivos, pigmentos, que podem variar de maneira considerável, segundo o tipo de ecossistema no qual se encontra o grupo em questão.

1.4.1 – Aspectos metodológicos

Quanto aos aspectos metodológicos, também podemos fazer algumas observações. Existem certos critérios escolhidos na base dos procedimentos de trabalho que são discutíveis. Primeiramente, foram

64 MEGGERS, EVANS, 1973, p. 53.

considerados alguns elementos como caracterizadores de culturas, porém as diferenças foram assinaladas a partir dos aspectos da cerâmica. Isto é, os vestígios cerâmicos foram privilegiados como representativos de culturas. Sobre esse ponto, consideramos que, somente nos casos em que a cerâmica é verdadeiramente o caracterizador principal de um grupo étnico, ela poderá ser utilizada como um elemento representativo. Nesse caso, deverão ser estabelecidos quais os elementos da cerâmica que são específicos de cada grupo étnico. Porém, ao se generalizar esse componente como caracterizante principal para segregar os grupos étnicos que possuíram essa técnica, não leva em conta as diversidades étnicas, bem como os vários aspectos que compõem um sistema cultural.

A técnica cerâmica é, sem dúvida, um fator de importância para identificar grupos, mas está longe de ser o único e, sobretudo, o mais representativo em termos gerais. As diferenças do material lítico, entre outras variáveis que poderão ser consideradas e estabelecidas, não apenas a partir das formas de suas peças, mas das técnicas de acabamento, da escolha diferencial das matérias-primas, segundo o tipo de forma e potencialidade de cada instrumento, permitem construir tipologias com grandes possibilidades relacionais com o meio ambiente e com o conjunto de instrumentos desenvolvidos pelo grupo. Tanto o material lítico como o material cerâmico – através de análises extremamente afinadas com rigor e detalhes – além dos outros elementos, tais como as formas de subsistência, os padrões de assentamentos, forcem dados sobre as características culturais.

A importância privilegiada da cerâmica é ainda mais questionável se consideramos que os critérios que foram escolhidos para estabelecer as distinções espaciais e temporais na evolução dos grupos étnicos através da técnica. No estudo da evolução técnica da cerâmica foram consideradas apenas, numa primeira instância, aspectos decorativos e, depois, seriam incluídos os aspectos relativos ao aditivo (tempero) e, às vezes, a forma. A mudança desses aspectos seria a origem de mudanças técnicas. Desta forma, a decoração se tornou o aspecto principal e nele foram observadas as variações nos motivos das técnicas pintadas ou plásticas. Para estabelecer as distinções étnicas, esses elementos isolados não são suficientes. Nas técnicas plásticas, o tipo escovado ou corrugado são resultado da aplicação de procedimentos quase que totalmente universais, assim como a utilização da pintura vermelha, preta e branca, pois os elementos materiais podem ser obtidos por grupos étnicos na América ou na África.

Além dos critérios para o estabelecimento dos tipos não constituírem verdadeiros elementos diferenciadores de culturas, a sua utilização, como parâmetro para estabelecer as seqüências seriadas, é uma opção totalmente desligada dos contextos arqueológicos e culturais particulares aos quais são aplicados. Os tipos foram definidos por sua variação no tempo para uma unidade espacial em sítios com estratigrafia ou de superfície sem levar em consideração outros componentes do sistema cultural que poderiam ter, segundo as circunstâncias, um peso maior do que os componentes cerâmicos da cultura material.

A utilização das seqüências seriadas foi superdimensionada; pretendia-se delas extrair um conjunto de informações concernentes a aspectos sociais dos grupos estudados. Para Meggers e Evans, a seqüência seriada, por mostrar a ordem relativa de ocupação de cada sítio da fase, permitia investigar problemas relacionados à "... ecologia, evolução cultural e difusão, e também fornece uma base mais segura para inferências concenente aos aspectos sócio-políticos, econômico ou religiosos da cultura em questão"⁶⁵. Na reconstituição pré-histórica, cada um dos aspectos mencionados são muito complexos e requerem uma abordagem de tipo interdisciplinar, com a contribuição de outras áreas de estudo. Até agora, não foi possível extrapolar das seqüências seriadas todos os aspectos mencionados no estudo dos grupos étnicos, ou mesmo, de demonstrar quais as relações entre os tipos cerâmicos e as variáveis ecológicas, culturais, econômicas e religiosas dos grupos pesquisados com esse procedimento.

No plano da aplicação da seqüência seriada, é difícil aceitar metodologicamente o fato de que se utilizem indicadores alternativos quando os selecionados não aparecem nas condições procuradas. Assim, quando os fragmentos não forneciam os elementos nessas condições, tais como o tratamento de superfície, as técnicas decorativas, pode ser utilizado o antiplástico ou sua variação granulométrica, sendo todos considerados como transformação técnica e comparados independentes dos contextos em que foram encontrados.

Na análise quantitativa para a construção de uma seqüência seriada, existem certos procedimentos que não são explicados. Como por exemplo, Meggers e Evans afirmam que "Os gráficos de alguns cortes não mostram uma tendência clara, ou apresentam frequências aberrantes em um ou mais níveis. Se o sítio for representado por outra escavação estratigráfica que mostre tendências normais, a que apre-

65 MEGGERS, EVANS, 1970, p. 95.

senta distorções pode ser omitida da seriação. Se não há outra amostra, entretanto, e se há interesse em obter uma datação relativa para o sítio, pode-se fazer a seriação selecionando aqueles níveis que mais correspondem à tendência normal e colocando-se onde melhor se enquadram⁶⁶. Nota-se que o interesse central da seriação é a obtenção de uma datação relativa, enquanto que as tendências que apresentam distorções não são interpretadas. Os aspectos gerais das culturas foram privilegiadas e as diversidades que possivelmente poderiam ser frutos dessas distorções nos gráficos, são omitidas, ficando num segundo plano.

Outro aspecto sobre o qual podemos formular restrições é o fato de tomar como unidade de estudo os fragmentos de cerâmica achados nos sítios. Todo o procedimento analítico está baseado sobre os fragmentos isolados. Assim, a decoração e o antiplástico, principais parâmetros para o estabelecimento dos tipos cerâmicos, são estudados sobre os fragmentos e, finalmente, as seriações podem ser estabelecidas sem levar em consideração as formas dos objetos cerâmicos. Trabalha-se com alguns aspectos da cerâmica que se toman representativos da totalidade, tanto da cerâmica como da cultura, e trabalha-se também sobre a unidade mínima do vestígio cerâmico, o fragmento. Quando era possível, reconstituía-se a peça com o interesse de observar as mudanças das formas. Contudo a unidade de estudo constituía-se sempre do fragmento como fornecedor de informações das mudanças de elementos isolados que serviam para identificação dos tipos cerâmicos e a construção das seqüências seriadas. O objeto fica relegado a uma segunda instância. As relações procuradas são estabelecidas entre os fragmentos e não entre os objetos que, finalmente, são os que nos permitem obter maiores informações sobre o comportamento sócio-cultural dos grupos.

Este procedimento de trabalho do PRONAPA é limitante porque, para um estudo da pré-história, deve-se identificar o máximo possível de objetos para que se possa formular perguntas relativas à utilização e função deles nos grupos étnicos que os produziram. Estas perguntas permitiriam pensar em respostas tentativa e formular certas hipóteses testáveis através do desenvolvimento de novos estudos.

Se, por outro lado, utilizarmos os fragmentos como componentes entre os quais serão estabelecidas as relações, as possibilidades da cerâmica de oferecer informações para as reconstituições pré-histó-

66 MEGGERS, EVANS, 1970, p. 76.

ricas, ficam reduzidas. Desta forma, trabalhar com fragmentos não permite o estabelecimento de relações com os outros componentes da cultura material, como no caso do material lítico, cuja análise fornece elementos que permitem relacionar, por exemplo, a funcionalidade complementar que poder existir entre os objetos de cerâmica e os objetos líticos.

Este é um campo de análise muito complexo; mas é preciso empreender ou tentar empreender as análises setoriais – como na cerâmica – de maneira que haja sínteses e que se viabilizem novas formas de relações entre as diversas tecnologias. A simplificação do estudo da cerâmica, no nosso entender, impede esse tipo de abordagem o que constitui uma perspectiva analítica limitante para a reconstituição pré-histórica.

1.4.2 – Aspectos do trabalho de campo

Quanto aos aspectos das pesquisas de campo, o PRONAPA forneceu orientações sobre como deveriam ser desenvolvidos os trabalhos de campo de maneira que fossem uniformizados os procedimentos para que se pudesse comparar os dados obtidos. Estabeleceram-se ainda cortes de 2x2 metros para escavar os sítios com estratigrafia e, nos sítios com material em superfície em maior concentração de fragmentos cerâmicos, a delimitação de uma área para se coletar o material.

Estas orientações que podem ter sido de utilidade para as pesquisas do PRONAPA, apresentam sérios prejuízos para a reconstituição pré-histórica. Em primeiro lugar, realizar uma delimitação de áreas de trabalho de 2x2 m, restringe arbitrariamente as possibilidades de se obter vestígios e, sobretudo, de conhecer o sítio arqueológico. O conhecimento fica limitado, *a priori*, à identificação do material cerâmico, considerando-se, à parte, todos os outros elementos que o sítio poderia oferecer, tanto da cultura material como da utilização do espaço.

Ficou estabelecido também um limite de profundidade para a escavação e a técnica de escavação por níveis artificiais. O limite para se escavar foi dado pela presença dos vestígios, de maneira que, chegando a uma faixa estéril, dever-se-ia aprofundar 50 ou 75 cm e suspender os trabalhos caso não aparecessem vestígios. Essa orientação não considera as diferenças entre os processos de formação dos sítios arqueológicos, excluindo, a partir desse limite, as possibilidades de se encontrar outras ocupações pré-históricas. Além de ser

um procedimento pouco adaptado a novas descobertas, contradiz o objetivo de se estabelecer e datar a primeira ocorrência de traços culturais⁶⁷.

A escolha da técnica por níveis artificiais permitiu uniformizar as técnicas de trabalho de campo e a comparação dos dados entre os sítios de várias regiões do país. No entanto, essa opção, justificada pela homogeneidade estratigráfica das terras baixas da Amazônia, dos sambaquis, ou pela pouca espessura de níveis naturais detectados em alguns sítios, gera problemas de natureza interpretativa. Ficou estabelecida que as diferenças entre as sucessivas ocupações de uma mesma unidade espacial seria feita a partir da verificação das mudanças nos artefatos. No caso de sítios com cerâmica, a técnica por níveis artificiais identificaria diferentes ocupações pelas mudanças na técnica de produção, porém diferentes ocupações, sem mudança na tecnologia, seriam consideradas como únicas.

Outro aspecto que não consideramos aceitável para a pesquisa arqueológica é a ausência de posicionamento dos vestígios na escavação. A opção de recolher todos os vestígios juntos em cortes de 2x2 m ou em áreas limitadas na superfície sem considerar a distribuição dos vestígios, impede a obtenção dos elementos para a realização de estudos de ocupação do espaço e também de pesquisa microanalíticas em relação à disposição dos diversos vestígios cerâmicos pertencentes a um mesmo objeto.

Para concluir, pensamos que os procedimentos de trabalho de campo utilizados no PRONAPA possuía um carácter prospectivo que não foram úteis para a pesquisa arqueológica em geral. Observamos que ficaram estabelecidos certos procedimentos que foram tomados como um modelo adequado para as escavações arqueológicas nas pesquisas realizadas posteriormente.

Nesse Programa partiu-se do princípio de que somente ocupações recentes teriam existido nas regiões pesquisadas. Mesmo considerando que as primeiras atenções foram dirigidas para o período cerâmico, os procedimentos utilizados nos trabalhos de campo restringiram as possibilidades de se encontrar ocupações mais antigas e de se obter um maior número de informações sobre todos os sítios que foram localizados. Essas informações poderiam, hoje, fornecer um conhecimento sistematizado que permitiria estabelecer síntese regionais.

67 EVANS, MEGGERS, 1965, p. 7.

O PERFIL TÉCNICO CERÂMICO DE GRUPOS ÉTNICOS PRÉ-HISTÓRICOS

2.1 – INTRODUÇÃO

Nesse trabalho apresentaremos uma abordagem para o estudo dos vestígios cerâmicos na qual procura-se, entre outros aspectos, analisar os limites de suas deduções nas reconstituições pré-históricas. ¹ Esse estudo faz parte de um trabalho maior e está destinado a fornecer alguns elementos que viabilizem a reconstituição dos processos de manufatura e os procedimentos analíticos da cerâmica.

Na reconstituição pré-histórica partimos de uma abordagem interdisciplinar, pois é necessário utilizar todas as fontes de conhecimento que possam fornecer as outras disciplinas. Essa abordagem é essencial porque trabalha-se com um período em que os dados têm um caráter vestigial e isto implica que as informações são fragmentárias. Em consequência, inicialmente não dispomos de elementos para poder escolher ou privilegiar um conjunto de vestígios em relação a outros. Cada circunstância é distinta e, para cada uma dessas, existem fontes de informações com diferentes graus de valor. Assim, **a priori**, não se poderá estabelecer uma regra geral sobre o valor privilegiado de uma fonte de dados. É nosso interesse procurar obter todos os tipos de informações que cada disciplina pode oferecer, e no conjunto dessas informações, em cada caso particular, estabelecer os parâmetros para as reconstituições. Essas disciplinas, que trabalham com procedimentos próprios, podem oferecer dados para os mesmos períodos nos quais serão feitas essas reconstituições pré-históricas.

Nesta perspectiva, o trabalho do arqueólogo pode ser considerado como um processo integrado de uma multiplicidade de dados que são elaborados no quadro de uma abordagem comum e de uma metodologia também comum, que permite organizá-los e, depois, estabelecer os seus relacionamentos.

Em termos teóricos, nossa posição poderia ser enquadrada nos interesses de uma antropologia pré-histórica. Onde procura-se reconstituir nos sistemas culturais, o comportamento, as atividades e os modos de organização de cada grupo, integrando para cada período outras variáveis contextuais. Dessa forma as reconstituições dos processos históricos serão mais ricos em informações e poderemos obter as variáveis que fornecerão os elementos que permitem compreender as especificidades étnicas, estabelecendo os diversos processos adaptativos em seu meio ambiente. No estudos das variáveis contextuais poderemos compreender as diversidades étnicas, que devem ser caracterizadas em primeiro lugar em diferentes unidades espaço-temporais, para podermos pensar em construções de sínteses preliminares ou em explicações globais.

Nossa posição de privilegiar uma abordagem interdisciplinar, implica, também, dar valor especial aos elementos contextuais no qual estão inseridos os fenômenos que serão estudados. Esses elementos contextuais relacionam-se às informações recuperadas, tanto no nível do contexto ambiental quanto no nível do contexto arqueológico.

O meio ambiente, nesse período da história da vida do homem, possui uma importância fundamental na medida em que sua participação nas condições de vida dos grupos pode ser dominante, se o período é caracterizado pela existência de um grau de desenvolvimento tecnológico que modifica muito pouco o meio. Neste caso, o meio teria uma participação de peso nas opções de ação que são oferecidas aos homens. Não estamos assumindo uma posição de determinismo ambiental no plano cultural, pois achamos que se trata de fenômenos de escalas diferentes que não têm relação de causalidade direta. As condições do meio determinam, sim, as condições de base nas quais os grupos humanos deverão resolver problemas de adaptação. O desenvolvimento tecnológico de cada grupo não será, então, determinado pelas condições meio-ambientais, mas deverá tender a manter com ele uma relação harmônica. Esse meio se apresenta aos grupos étnicos no quadro das opções que são oferecidas, e nele serão feitas as respectivas escolhas técnicas.

Tentaremos, agora, precisar uma linha de trabalho pela qual se possa atingir um nível operacional de utilização da fonte de infor-

mação cerâmica. A finalidade é que seja possível empregar essa linha na abordagem interdisciplinar da pesquisa pré-histórica. Temos a impressão de que, até o presente, não foi possível que esta integração fosse feita no plano concreto, sobretudo porque as informações da cerâmica não chegam a ser suficientemente elaboradas para que se pudesse realizar sínteses culturais nesta perspectiva teórica. Apesar de existir nos pré-historiadores uma consciência dessa necessidade, os trabalhos desenvolvidos nesse campo ficam muito frequentemente restritos a caracterizar os objetos, sem chegar a estabelecer relações que transcendam o fenômeno técnico, parece existir um obstáculo difícil de superar entre os objetivos desejados e os procedimentos adotados para alcançar essa meta.

Em termos gerais, consideraremos os vestígios cerâmicos como uma fonte de dados para o estudo da pré-história, com o mesmo valor que as outras fontes de informação utilizadas para a realização da pesquisa. É, a partir do conhecimento de cada caso particular, que se poderá ou não, tornar um tipo de vestígio privilegiado, segundo o tipo de informação que possa oferecer em cada circunstância. Nesta abordagem, deveremos também, valorizar as relações estreitas que existem entre os diferentes tipos de vestígios da cultura material. Para isso, é fundamental estabelecer como e em que plano analítico essas relações podem ser feitas.

A proposta que faremos, não é propriamente original, pois é somente uma adaptação metodológica de uma formulação teórica diferente da que se trabalhava até agora no campo da análise dos vestígios cerâmicos. Procuramos também fazer uma reflexão dos níveis de informações que são possíveis de serem obtidos desses vestígios, assim como, do grau de fiabilidade de cada dado que é deduzido sobre os processos de manufatura ou de outras atividades de um grupo étnico pré-histórico.

Os procedimentos analíticos utilizados podem ser análogos, mas o essencial, a nosso entender, é o que podemos extrair de certos procedimentos para utilizar uma base factual sólida sobre a qual se possam deduzir novas relações. As categorias, como veremos, serão as mesmas, mas o valor que daremos a elas é o que difere essencialmente.

Essa proposta dista também de estar suficientemente desenvolvida; sua formulação fica ainda num plano geral, mas, a partir de futuros trabalhos, e, sobretudo, de sua aplicação num número importante de sítios, consideramos que seja possível aperfeiçoá-la.

2.2 – A TECNOLOGIA COMO CARACTERIZADOR CULTURAL

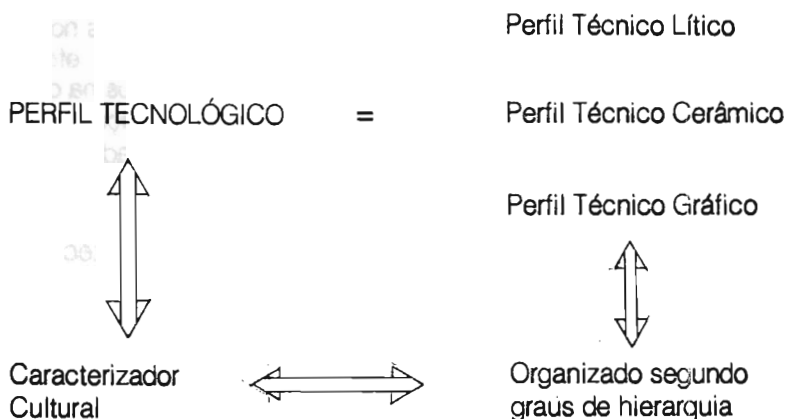
De acordo com nossa opção teórica, procuramos ter em conta as diversidades étnicas no processo de reconstituição pré-histórica. Os diferentes grupos étnicos que habitaram o Brasil durante esse período, são dificilmente identificáveis, pois a natureza dos vestígios que restam, é extremamente fragmentária, obrigando-nos, freqüentemente, a nos restringirmos a planos de generalidades que, de forma objetiva, pouco dão conta da diversidade cultural.

Esta restrição nos leva a refletir, e procurar utilizar ao máximo os intentos para caracterizar os parâmetros que identifiquem os grupos étnicos a um nível de particularidade que possibilite a especificação de grupos étnicos. Nesse sentido, consideramos que os vestígios materiais darão sua contribuição à caracterização das culturas. A precisa definição da tecnologia de uma sociedade é um dos caminhos que possuímos para estabelecer as diversidades étnicas. Essa caracterização tecnológica não pode se limitar a nenhum aspecto particular, mas deverá estar composta pelo conjunto das práticas técnicas utilizadas para realizar as atividades. Esses aspectos podem ser recuperados através dos vestígios da cultura material que encontramos.

Toda sociedade tem conhecimento de um conjunto de procedimentos técnicos empregados para a elaboração de diferentes objetos e para outras práticas técnicas. Esse conhecimento é um caracterizador social dos grupos; é um dos parâmetros que permitem identificar um grupo étnico. Cada grupo desenvolve um modo diferente de construir seus objetos, tanto os utilizados na vida quotidiana, como os utilizados nas atividades rituais. Na reconstituição pré-histórica, deveremos segregar as características de cada técnica empregada na produção dos diversos objetos culturais de cada grupo. Cada vestígio, seja lítico, cerâmico ou uma representação gráfica-rupestre, possui certas características técnicas que podem ser organizadas num perfil técnico. O conjunto desses perfis técnicos referentes às diversas práticas, irão caracterizar tecnologicamente o grupo étnico estudado.

Cada grupo terá, assim, um perfil tecnológico que poderá ser objeto de estudo, no qual será possível distinguir graus de desenvolvimento diferenciados nos procedimentos de manufatura. Um grupo étnico poderia desenvolver preferencialmente uma atividade técnica, como por exemplo, a cerâmica, e negligenciar outras atividades técnicas que, mesmo praticadas, não seria a atividade principal na qual destaca-se o seu aprimoramento. Essas diferenças poderão ser, dessa

forma, estabelecidas somente a partir da identificação dos perfis técnicos. Assim nas reconstituições pré-históricas a caracterização do perfil tecnológico, no qual identifica-se os diversos perfis técnicos organizados segundo graus de hierarquias, permitiria segregar grupos étnicos. Esses perfis não deverão, necessariamente, constituir-se de descrições exaustivas da totalidade do processo de manufatura, mas de elementos essenciais de identificação dos processos técnicos.



Partimos do princípio que para estabelecer um perfil tecnológico de um grupo, será, então preciso, estabelecer para cada sítio um conjunto de perfis relativos às práticas técnicas de manufatura dos objetos e de outras práticas técnicas que possam ser deduzidas através dos vestígios encontrados. Como por exemplo, podemos citar, as formas e as técnicas de construção das habitações; as formas e técnicas de sepultamentos. No entanto, esses perfis caracterizam os vestígios de um sítio e não o grupo étnico. Dessa maneira, para caracterizar um grupo étnico, será preciso definir e identificar uma quantidade representativa de perfis técnicos iguais para uma mesma unidade temporal.

Nesta perspectiva, consideraremos os vestígios cerâmicos e procuraremos estabelecer para cada unidade espaço-temporal seu perfil técnico cerâmico.

Uma questão que devemos considerar na reconstituição pré-histórica, relaciona-se às mudanças técnicas que podem acontecer num grupo étnico. Acreditamos que as transformações técnicas são indicadores de mudança em grupo, porém é necessário definir o que

se entende relmente por uma mudança técnica. As mudanças técnicas devem-se traduzir por verdadeiras transformações nos procedimentos técnicos e, como tal, devem ser justificadas.

No caso da cerâmica, consideramos que os indicadores de uma mudança cultural não podem ser medidos pela simples variação granulétrica de tipos de antiplásticos ou da variação de motivos de uma mesma técnica decorativa; ao contrário, esses indicadores devem ser elementos que demonstrem verdadeiras inovações que realmente indicam mudanças qualitativas.

Entendemos por mudanças qualitativas, as modificações no sistema de produção que tenham conseqüências tais como os efeitos multiplicadores da produção, economia de esforço, ou efeitos na durabilidade dos objetos. Na cerâmica os outros tipos de mudanças, como as escolhas realizadas num conjunto de opções entre os aditivos ou das formas de decoração, podem ser indicações de valor, mas somente no sentido de indicação de variações evolutivas. Por esse aspectos, um grupo poderia evoluir sem que isso implique uma inovação técnica.

2.3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Na reconstituição de perfis cerâmicos pré-históricos utilizaremos uma abordagem sistêmica, na qual a noção de sistema será utilizada como um instrumento formal de trabalho que fornece os meios para ordenar e relacionar os fenômenos estudados. Esse instrumento permite, não somente identificar os componentes do processo técnico, mas também ordená-lo segundo critérios que devem ser estabelecidos em função dos objetivos procurados. Dessa forma, a partir da identificação e ordenação, poder-se-ão estabelecer as relações entre os componentes.

Numa pesquisa, a finalidade desse recurso é, além de descrever uma estrutura, analisar o funcionamento e as mudanças dos fenômenos observados. Dessa maneira, para estabelecer os perfis técnicos, a aplicação sistêmica permitirá identificar, ordenar e descrever de forma sistemática, cada um dos procedimentos técnicos, estabelecendo as relações e as hierarquias entre os seus componentes.

Consideraremos também que para a reconstituição de um perfil, a pesquisa deverá ser formulada numa dupla perspectiva de análise: macroanalítica e microanalítica. Numa perspectiva macroanalítica, trabalharemos com o **perfil técnico** como uma unidade em que se poderão estabelecer relações com outros perfis técnicos de um grupo. Analisando como cada grupo desenvolveu preferencialmente uma ati-

vidade técnica; observando sua hierarquia e as relações com as outras atividades. Neste caso, seria de nosso interesse compreender a forma como o perfil técnico cerâmico se relaciona com os outros perfis, o lítico, o gráfico-rupestre; ou o desenvolvimento de outras técnicas que, naturalmente, possam ser identificadas. Ainda nessa perspectiva interessa estabelecer as relações com outras variáveis contextuais como a utilização do espaço e, entre outros aspectos do sistema cultural, com as formas de organização de cada grupo.

Numa perspectiva microanalítica procura-se definir as relações entre os elementos de cada perfil técnico analisado, nesse caso, o sistema técnico cerâmico. A finalidade principal além de ordenar e descrever esses elementos, é o de poder identificar como eles estão hierarquicamente organizados de forma que permita definir e distinguir perfis técnicos cerâmicos. Isto significa que o perfil técnico cerâmico poderia ser usado como um parâmetro para a distinção de tecnologias de processos de manufatura, servindo como um elemento a mais que distinguiria as especificidades étnicas pré-históricas.

Essa dupla perspectiva é útil para a pesquisa, na medida em que permite operacionalizar e inserir cada componente do sistema em uma dimensão maior, que pode ser o contexto no qual se insere a pesquisa. Às vezes, por trabalharmos com elementos vestigiais, somos obrigados a alternar de uma perspectiva a outra, devido às informações reduzidas que podem existir para cada componente. Integrar esses elementos num nível macroanalítico permite situar o elemento pesquisado no contexto, e depois retornar ao nível microanalítico com informações suplementares que permitam formular novas perguntas.

2.4 – PERFIL TÉCNICO CERÂMICO

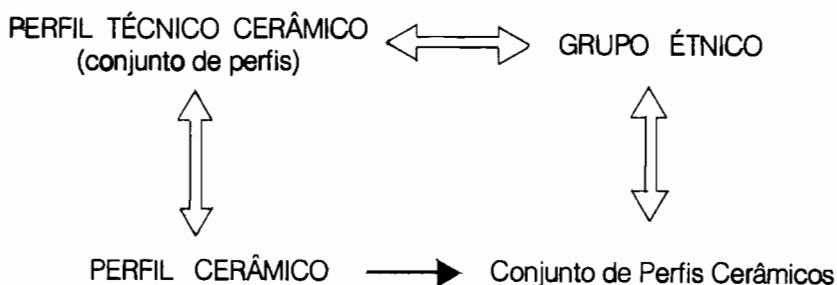
Como foi explicitado, nosso objetivo é trabalhar com os vestígios cerâmicos de forma que eles permitam fornecer um conjunto de informações para a reconstituição das características dos grupos pré-históricos. Atingir esse objetivo não é uma tarefa fácil, sobretudo porque é preciso desenvolver uma série de procedimentos que situarão a pesquisa em diferentes escalas.

Precisamos ter consciência de que estamos trabalhando com vestígios pré-históricos, que têm um valor limitado em termos de informação e de que, conseqüentemente, para atingir o nível de caracterização dos grupos étnicos, a primeira fase deverá consistir na obtenção de dados suficientes para essa finalidade.

A fonte primária de informação são, principalmente, os sítios arqueológicos. As pesquisas realizadas nos sítios fornecerão os dados que permitirão trabalhar com o material cerâmico. Através da análise desse material, poderemos caracterizar os aspectos principais dos processos de manufatura desses vestígios e estabelecer um perfil técnico cerâmico do sítio estudado.

Entendemos por **perfil técnico cerâmico**, uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos e funcionais, organizado segundo certas regras de hierarquia.

No estudo de cada sítio, ao finalizar a análise dos vestígios, estabeleceremos um perfil. Contudo, isso não significa que esse perfil cerâmico corresponda a um perfil técnico cerâmico de um grupo étnico. Corresponderá apenas ao **perfil cerâmico** de um sítio com certos tipos de vestígios, sem que isso suponha implicações de tipo antropológico. Sabemos que, naturalmente, os autores desses vestígios foram grupos étnicos, mas não sabemos ainda quais são as características dos perfis técnicos que os identificariam tecnologicamente. Um dos perfis técnicos é o cerâmico, mas ele terá que ser válido para o grupo étnico. Assim, para estabelecê-lo, utilizaremos os perfis cerâmicos dos sítios que constituirão o objetivo de estudo de outra pesquisa situada numa escala propriamente antropológica.



Essa distinção entre **perfil cerâmico** e o **perfil técnico cerâmico** de um grupo étnico parece-nos fundamental. No primeiro caso, constitui o resultado da análise de dados cerâmicos de um sítio, enquanto que, no segundo, constitui o resultado da análise de outra pesquisa, na qual, os dados trabalhados serão os perfis cerâmicos dos sítios pertencentes a uma unidade espaço-temporal delimitada correspondentes a uma área regional.

Considerando o grau de confiabilidade dos elementos deduzidos no processo analítico, o perfil técnico cerâmico será reconstituído a partir de elementos que não apresentam nenhum grau de ambiguidade e de elementos considerados hipotéticos que, numa segunda instância, ao serem constatados, passam a integrar a estrutura desse perfil. De modo que na instância de análise o perfil cerâmico de um sítio constará de dois planos de informações de diferentes finalidades:

- 1) um plano de informações obtidas a partir da observação direta feitas por procedimentos simples, e
- 2) um plano de informações obtidas por outros tipos de análises que a simples observação dos vestígios, através de análises sofisticadas.

Essa distinção parece-nos relevante se consideramos que os pesquisadores podem ter diferentes acessos a procedimentos de análises sofisticadas. Esse fato não deveria incidir nas possibilidades de que os perfis cerâmicos dos sítios pudessem ser comparados. As análises comparativas devem, então, ser feitas entre os planos análogos de informações.

A seguir mostraremos os elementos caracterizadores de um perfil técnico cerâmico, analisando os planos de informação de diferentes fiabilidades desses elementos, de acordo com as técnicas e procedimentos de análise, na obtenção dos dados dos vestígios cerâmicos.

2.4.1 – Elementos técnicos

Entendemos por elementos técnicos o conjunto de meios materiais e os procedimentos de elaboração utilizados na construção dos objetos cerâmicos. Neles, distinguiremos três classes, as matérias-primas, os meios instrumentais, e as técnicas de elaboração propriamente ditas.

2.4.1.1 – As matérias-primas

No plano das matérias-primas, deveremos distinguir os tipos que foram utilizados para a manufatura das peças cerâmicas. Entre essas matérias, falaremos das argilas, dos aditivos, dos pigmentos e das resinas.

a) As argilas

A matéria-prima utilizada por excelência na manufatura dos objetos são as argilas. Trata-se de um elemento que se apresenta à ob-

servação direta com um considerável grau de ambiguidade, pois não é possível, à simples vista, numa análise, identificar se existem diferentes tipos de argilas que foram utilizadas para a produção dos objetos cerâmicos. No estudo de cada sítio, a cerâmica poderá aparecer com uma variedade de cores que poderão depender do tipo de argila empregada. Porém, por outro lado, a variação na cor da cerâmica pode também depender de uma série de variáveis de difícil controle, tais como, o tipo ou tempo de queima ou, ainda, o tipo de aditivo. Isso significa que, numa primeira instância, não se podem estabelecer as relações causais entre as propriedades aparentes da cerâmica e das origens dessas características. Simplesmente porque, em um mesmo sítio, poderão ser encontradas peças com aparências diferentes, mas que foram produzidas com o mesmo tipo de argila. Neste caso, torna-se difícil identificar o tipo de argila por seu aspecto de textura ou de cor da cerâmica. A simples observação desse elemento não constitui um parâmetro confiável para segregar os tipos de argilas, pela impossibilidade de controlar a ação de outras variáveis nos elementos identificadores.

Existem, porém, outros procedimentos aplicáveis na identificação dos tipos de argilas. As análises físico-químicas permitem estabelecer as composições dos minerais das argilas e, conseqüentemente, identificar os objetos que foram produzidos com a mesma, ou diferentes tipos de argilas. O estudo da composição dos minerais da argila também permite identificar e localizar as fontes de matérias utilizadas pelos ceramistas. Contudo, esse tipo de informação muito aprimorada não é de interesse nas primeiras fases do trabalho, porque implicaria que esses estudos fossem aplicados a uma amostra representativa dos sítios analisados, para que fosse útil à pesquisa. Isso não exclui o nosso interesse por esses procedimentos em outras fases da pesquisa, mas, em casos particulares, quando essas informações puderem responder a perguntas muito precisas sobre problemas previamente levantados.

b) Aditivos⁶⁸

Os aditivos são elementos minerais, orgânicos ou bio-minerais encontrados nos fragmentos de cerâmica. Eles podem ser utilizados na preparação das argilas e teriam como finalidade eliminar a plasticida-

68 Utilizamos o termo **aditivo** para dar ênfase a distinção entre os antiplásticos encontrados na cerâmica que podem demonstrar, com segurança, um comportamento humano, o termo **tempero** tem sido utilizado de forma ambígua. Para essa discussão ver Shepard, 1963; Rye, 1981.

de, quando excessiva, da argila, dar porosidade ou maior resistência aos objetos.

Entre os aditivos minerais, existe uma ampla gama de possibilidades que geralmente varia segundo as opções que oferece o meio ambiente, ou quanto às escolhas culturais. Os ceramistas, por exemplo, poderiam usar grãos de areia ou a própria argila como aditivo. Essa seria previamente submetida à elaboração técnica e misturada a argila na preparação da pasta. Dessa maneira, bolos de argila seca ou fragmentos de cerâmica triturados constituem formas mais elaboradas desses tipos de aditivos.

Entre os aditivos orgânicos, podemos mencionar elementos de origem vegetal ou animal, tais como, ossos, penas, e as cinzas de certos tipos de árvores.

A presença dos aditivos nos fragmentos cerâmicos é, às vezes, facilmente detectável à simples vistas, mas os aditivos de origem orgânica apresentam maiores dificuldades para a sua identificação, e, em muitos casos, é necessária a utilização de uma lupa binocular para serem detectados. Além disso é necessário identificar o que poderia ser definido como um elemento intencional, um elemento próprio da constituição das argilas ou ocasional.

c) Os pigmentos e as resinas

Esses dois tipos de substâncias podem ser utilizados para realizar o tratamento de superfície dos objetos. As **resinas** são produtos vegetais que permitem impermeabilizar as paredes dos objetos. Elas podem ser identificadas à observação direta sem dificuldades quando a superfície da cerâmica não se encontra erodida. As resinas produzem nos objetos uma película transparente, semelhante a uma vitrificação, como se fosse um verniz.

Os **pigmentos** são as substâncias minerais e vegetais de diversas cores, empregadas para pintar e decorar os objetos. Contudo, independente das cores dos pigmentos observáveis nas peças, todas as outras informações relativas à natureza e a origem desses produtos, exigem a realização de análises físico-químicas. Essas análises podem ser de importância nas primeiras instâncias analíticas pois essas informações possuem indicadores precisos com referência ao meio ambiente.

Outros tipos de informação necessárias nessa primeira instância, dizem respeito ao controle técnico de aplicação desses pigmentos; as formas e motivos dos padrões decorativos de cada grupo.

2.4.2 – Os instrumentos

Existe uma variedade de instrumentos que podem ser utilizados no processo de manufatura da cerâmica. As informações para a reconstituição dos meios instrumentais são deduzidas, em alguns casos, dos sinais ou dos efeitos produzidos durante o seu uso no processo de produção.

Na identificação dos tipos de instrumentos, o grau de precisão será variável. Esse reconhecimento depende da análise do efeito deixado pelo instrumento, relacionado à causa que o produziu. Assim, por exemplo, na técnica de tratamento de superfície plástica, no tipo es-covado, é possível ter uma aproximação com respeito às características do tipo de instrumento que produziria tal efeito.

Na análise dos efeitos, as nossas deduções não permitem afirmar, na maioria dos casos, quais foram os instrumentos utilizados, mas as características desses efeitos permitem estabelecer uma gama dos possíveis objetos que teriam sido escolhidos na natureza ou elaborados para esse fim.

Assim, numa primeira instância analítica, a caracterização dos meios instrumentais para a produção da cerâmica, resta como o estabelecimento de características que podem indicar alguns instrumentos de um grupo étnico. Porém, outras evidências poderão ser encontradas no contexto arqueológico, como é o caso das estruturas de fornos.

2.4.3 – As técnicas de elaboração

Entendemos por técnicas de elaboração, o conjunto de procedimentos utilizados para a produção dos objetos, desde a preparação das matérias-primas até a última fase do processo. No processo de manufatura, podemos distinguir quatro momentos que correspondem às diferentes fases, as quais podem ser assim caracterizadas: a fase de preparação das matérias-primas, a manufatura dos objetos, o tratamento de superfície e a queima das peças.

a) Preparação das matérias-primas

A partir da observação direta na análise dos vestígios cerâmicos, poder-se-á estabelecer o conjunto de algumas técnicas utilizadas por um grupo para preparar as matérias-primas que as tornem úteis para a manufatura dos objetos.

As deduções sobre essas técnicas podem ser feitas, na maioria dos casos, a partir da identificação do tipo de matéria-prima usada na

produção da cerâmica. Nesse sentido poderemos caracterizar esse conjunto de técnicas pelos componentes das matérias-primas escolhidas, pelas maneiras como elas foram combinadas e em que proporção. A nível de exemplo podemos citar alguns tipos de aditivos que são triturados: fragmentos de cerâmica, o caripé ou mesmo os grãos de quartzos. No caso das pastas, existem elementos que podem indicar como elas foram preparadas para se obter certas texturas e homogeneidade. Os tipos de pigmentos, vegetal ou mineral, requerem procedimentos diferentes tanto para preparação como para sua aplicação nos objetos cerâmicos.

b) Técnicas de manufatura

As técnicas de manufatura são os procedimentos técnicos mediante os quais se constróem os objetos cerâmicos. Existem, basicamente, quatro técnicas de diferentes complexidades que podem aparecer isoladas, ou serem combinadas na construção de uma mesma peça. Essas técnicas são, o modelado, o acordelado, o moldado e o torneado.

Para a manufatura dos objetos, as técnicas modelada e acordelada são procedimentos muito simples que não requerem instrumentos complexos; ao contrário das técnicas moldada e torneada que não podem ser realizadas sem contar com instrumentos específicos para essa finalidade. Isto significa um conhecimento técnico mais complexo de um grupo, na medida em que ele pode preparar instrumentos destinados a agilizar ou aumentar a produção dos objetos.

Em termos de identificação, a técnica de manufatura mais fácil de observar visualmente é a torneada, pois a ação do instrumento deixa traços nos objetos que, em certas circunstâncias, são facilmente perceptíveis. Existem outros traços que permitem identificar a técnica moldada e os dois procedimentos ocorridos para a manufatura dos objetos através dessa técnica. Quando os objetos são produzidos em duas etapas; pode-se observar a junção dessas partes quando elas não forem suficientemente bem integradas. A identificação, nesse caso, deve-se ao fato de se constatar uma falha na construção de peças. Isso também poderá ocorrer com a técnica acordelada quando os roletes sobrepostos não forem bem ligados no alisamento ou totalmente sinterizados no processo da queima. Quanto ao segundo procedimento, em que se utiliza a técnica moldada, apenas através de traços encontrados na superfície externa dos objetos, deixados pela junção das duas partes do molde, é que se poderá especificar essa técnica.

Sem essas "falhas" de construção das peças, tanto a técnica acordelada como a técnica moldada não podem ser identificadas vi-

sualmente, e podem aparecer como sendo modeladas.

Na análise dos vestígios cerâmicos, a precisão dessas técnicas somente poderá ser obtida através de análises mais sofisticadas, como a utilização de raios X.

c) Técnicas de tratamento de superfície

Entendemos por tratamento de superfície o conjunto de técnicas utilizadas para dar o acabamento dos objetos, uma vez elaborados. Existem dois tipos de técnicas, as plásticas e as pintadas; todas apresentam, em termos gerais, uma grande diversidade de procedimentos e variedades de efeitos. As técnicas de tratamento de superfície são, facilmente identificáveis pela simples observação da superfície dos objetos.

d) Técnicas de queima

A identificação do processo de queima dos objetos cerâmicos é, provavelmente, o aspecto que gera mais problemas numa análise feita pela simples observação direta dos vestígios. Aparentemente se poderia reconhecer imediatamente o tipo de queima à qual foram submetidas as peças; porém os elementos identificadores se constituem de um alto grau de ambigüidade. O problema principal é que os elementos indicadores dos tipos de queima que podem ser observados não são suficientemente seguros, pois um mesmo traço pode ter sido originado por procedimentos diferentes.

Os processos de queima da cerâmica conhecidos são de dois tipos, aberto, no qual as peças são submetidas à cocção ao ar livre, e fechado, no qual se utiliza, para esta finalidade, um forno ou o aproveitamento de uma depressão no chão. Teoricamente esses dois procedimentos teriam efeitos distintos sobre as peças, que poderiam ser identificados pela observação visual. Porém esses dois procedimentos, conforme as variáveis que atuam sobre o processo, não podem ser controlados, pois elas produziriam certas características nas peças que podem ser originárias de um mesmo procedimento, ou de diferentes procedimentos. Por exemplo, num processo de queima aberta, se colocarmos quatro peças de tamanhos diferentes, uma dentro da outra, e as queimarmos, a peça menor, que não ficasse em contato direto com a concentração de brasas, encontrar-se-ia em condições análogas às de uma peça queimada num forno. Assim, nesse caso, na queima aberta, todas as peças terão características diferentes que, segundo os critérios utilizados, indicariam que a peça mais protegida teria sido queimada em forno, enquanto que as peças externas apresentariam as características da queima aberta.

2.4.4 – Elementos morfológicos e funcionais

Os outros elementos caracterizadores do perfil cerâmico que devem ser considerados, referem-se aos aspectos morfológicos dos objetos cerâmicos. Na identificação desses elementos, não estaremos mais trabalhando num plano dos componentes fragmentados. Nesta fase, estudaremos os objetos reconstituídos, a maior parte dos casos, a partir dos fragmentos de cerâmica.

Os fragmentos cerâmicos serão identificados quanto à morfologia, e classificados segundo as suas categorias. De modo que será possível definir as classes de objetos e de fragmentos. Nessa instância, trabalhando-se com esses fragmentos, serão analisados as suas propriedades morfológicas e classificados em bordas, bojos, bases, borda/bojo, etc. Essas categorias fornecerão os elementos para a reconstituição das formas dos vasilhames que ao serem definidos passam a integrar as classes dos objetos.

No processo de reconstituição dos objetos as formas serão estabelecidas a partir de um número suficiente de traços identificadores que permitam reconhecê-los de maneira constatável. Nos casos em que esses traços identificadores não sejam suficientes para as reconstituições confiáveis, porém que existam elementos que permitam propor prováveis reconstituições morfológicas, iremos trabalhar com formas hipotéticas.

Na identificação desses elementos, é importante fazer essa distinção porque, no plano das conclusões, em termos de fiabilidade, é necessário que se distingam os dados obtidos das reconstituições realizadas a partir de fatos constatáveis dos dados extraídos sobre premissas hipotéticas.

No plano do estabelecimento das características morfológicas, iremos distinguir os elementos perspectiváveis de forma direta que constituirão os componentes essenciais destas reconstituições. Dessa maneira, definidas as classes dos objetos, serão estabelecidos os tipos morfológicos caracterizadores do perfil cerâmico. Esses tipos serão estabelecidos segundo parâmetros explícitos tais como formas e tamanhos. Numa segunda instância, quando os dados permitirem, serão estabelecidos os tipos utilitários ou funcionais. Para definir os parâmetros de identificação desses tipos, partiremos para a análise das classes dos tipos de objetos, tais como a classe dos cachimbos, a classe das estatuetas, a classe dos vasilhames, etc. Contudo, outras informações

obtidas através de análises físico-químicas e do próprio contexto arqueológico são necessárias.

Os elementos de formas e tamanhos dos objetos serão utilizados para o levantamento de hipóteses quanto a utilidade desses objetos. De forma que os elementos utilitários (funcionais) caracterizadores de um perfil técnico cerâmico serão estabelecidos apenas a partir de dados constatados em cada caso particular.

2.5 – MÉTODO ANALÍTICO

Nesta parte do estudo, apresentaremos as linhas básicas e os procedimentos destinados a estabelecer o perfil cerâmico de um sítio.

Os dados para estabelecer esse perfil serão obtidos, principalmente, a partir do material cerâmico analisado no laboratório. Porém, é necessário ter em consideração que certos procedimentos adotados nos trabalhos de campo, fornecerão informações importantes para se reconstituir o perfil cerâmico.

Em primeiro lugar, deveremos procurar as informações para se recompor o contexto ambiental no qual estão inseridos os sítios que estão sendo pesquisados. A reconstituição do contexto ambiental é fundamental, não apenas para a caracterização dos perfis técnicos, mas também para a reconstituição de qualquer aspecto de um grupo étnico pré-histórico. Assim, para essa reconstituição, o pré-historiador poderá contar com o auxílio de outras disciplinas. Essas fornecem um conhecimento especializado que permite estabelecer as características dos ecossistemas nos quais se situam os contextos arqueológicos numa unidade espaço-temporal.

Investigaremos os componentes básicos do ecossistema da época em que foram realizadas as atividades dos grupos étnicos, pois o conhecimento de cada ecossistema atual será importante como referencial, mas o nosso interesse é conhecer as características ambientais no tempo e no espaço, correspondentes aos vestígios arqueológicos estudados.

Numa perspectiva tecnológica, a importância de se precisar o contexto ambiental explica-se pela compreensão das escolhas técnicas dos grupos étnicos. Essas escolhas devem ser explicadas, considerando-se o conjunto de opções oferecidas pelo meio ambiente da época. Assim, por exemplo, as escolhas feitas no contexto de uma região semi-árida ou de uma região tropical úmida, não podem ser consideradas de forma análoga e, conseqüentemente, serem comparadas sem que se leve em consideração as diferenças contextuais. Essas

considerações são importantes porque nos fazem refletir sobre a validade de generalizar a partir de estudos de grupos com diferentes ecossistemas. Será no quadro das características do contexto ambiental que deverá ser considerado o contexto arqueológico.

A pesquisa de campo abrange, portanto, a coleta de informações sobre o contexto ambiental e sobre o contexto arqueológico. A coleta das informações para reconstituir esses dois contextos deve ser objeto de um procedimento extremamente preciso para que a análise possa ser realizada sobre documentos que proporcionem elementos confiáveis sobre os quais serão feitas as deduções.

Para reconstituir o contexto arqueológico numa escavação em cada unidade espacial, deve-se recompor e controlar de maneira rigorosa a distribuição dos vestígios arqueológicos. O registro dessa distribuição permite estabelecer as relações entre os vestígios de diversas naturezas; assim como a identificação das áreas e dos tipos de atividades que foram realizadas em cada espaço, e a reconstituição das diferenças entre os diversos momentos de ocupação dos grupos pré-históricos.

Desse modo, durante as escavações, deve-se procurar controlar a distribuição dos vestígios de cerâmica, lítico, restos de alimentos, transformações das manchas do sedimento, estruturas de fogueiras, ou de qualquer outro tipo. Essas informações são essenciais para a identificação da utilização do espaço nos sítios, e dos tipos de refugio, que nos auxiliam na interpretação do comportamento do grupo e nos informam sobre os processos de formação do sítio.

Em relação aos tipos de refugos, podemos distinguir, segundo Schiffer, 1972, os refugos primários, secundários, e os refugos de fato. Os refugos primários são aqueles vestígios que se encontram no local de uso, nas áreas onde foram realizadas as atividades. Os secundários são os vestígios encontrados fora dessas áreas, ou seja, teriam sido transportados para longe das áreas de atividades. E os refugos de fato são aqueles vestígios que foram descartados, não durante as operações normais na ocupação do espaço, mas que foram abandonados pelos ocupantes ao deixarem o sítio.

Na reconstituição do perfil cerâmico, o registro da localização precisa da distribuição dos vestígios em cada sítio, além de dar conta de outras informações, possui dois aspectos de importância que devem ser ressaltados. Primeiro, irá permitir que, na sua análise em laboratório, o registro dos fragmentos auxilie no processo de recomposição das formas dos objetos. Segundo, será através do contexto arqueológico que teremos maior possibilidade de deduzir sobre as funções es-

pecíficas dos objetos.

Na análise dos vestígios cerâmicos em laboratório, faremos uma opção metodológica básica no sentido de que a reconstituição dos objetos seja um dos objetivos principais no processo de análise. Essa opção nos levará a trabalhar com unidades analíticas que serão formadas por um conjunto de fragmentos agrupados segundo certos parâmetros.

2.5.1 – Segregação dos objetos

O material cerâmico é encontrado, na maioria das vezes, em estado fragmentário; assim, o fragmento é a matéria-prima com a qual trabalhamos, mas, utilizando procedimentos adequados, poderemos estudá-los como elementos não amorfos. Os fragmentos não poderão ser analisados de maneira isolada porque estaríamos restringindo o nosso universo de relações e, conseqüentemente, das informações que poderiam ser recuperadas.

Nesta abordagem, não é o fragmento que será a unidade de estudo, fizemos uma opção pela qual deveremos trabalhar com conjuntos de fragmentos cerâmicos com características comuns que irão constituir as nossas unidades de estudo. No interior dessas unidades, iremos trabalhar com os fragmentos, com a finalidade de recuperar e identificar os objetos. Utilizando conjuntos de fragmentos com características semelhantes, como unidade de análise, estaremos fornecendo os elementos para se tentar reconstituir os objetos cerâmicos.

Desta forma, no primeiro momento de análise, cada um dos fragmentos terá o mesmo valor analítico pois poderá fornecer diversos tipos de informações que serão úteis para a reconstituição dos elementos do perfil cerâmico.

Contudo, o processo de reconstituição dos objetos, a partir dos fragmentos, não se dá de forma imediata. É preciso proceder gradativamente e passar por estágio sucessivo em que se possa reduzir a ambigüidade e aumentar a certeza de sua reconstituição. Trabalhando-se com esses conjuntos de fragmentos, procura-se neutralizar a possibilidade de que fiquem agrupados fragmentos pertencentes ao mesmo objeto em diversas classes. A idéia inicial é de separar os fragmentos pertencentes a objetos que teriam, características comuns, quanto as matérias-primas e ao seu processo de manufatura, considerando as técnicas de tratamento de superfície.

O critério utilizado na escolha de parâmetros para a separação das unidades, está relacionado com o grau de confiabilidade da infor-

mação. De modo de que os parâmetros foram escolhidos entre aqueles elementos da cerâmica que não apresentem, numa observação direta, ambigüidade, e que se constituam os componentes cerâmicos mais confiáveis. Assim os dois parâmetros que permitem segregar as unidades de análise são o tratamento de superfície e o aditivo.

Esse procedimento tem como finalidade primeira poder identificar e reconstituir os objetos cerâmicos. Para isso, faremos, no universo de fragmentos, uma primeira separação em relação ao tratamento de superfície. Os fragmentos que não apresentem condições de conservação e, portanto, de reconhecimento, que permitam identificar o seu acabamento de superfície, tanto externo como interno, constituirão uma classe residual.

Nessa classe residual somente poderia ser estudado o aditivo que daria informação a respeito de alguns elementos técnicos. Contudo as condições para a segregação das unidades são: a identificação dos dois elementos, o tratamento de superfície, e o aditivo. Para existir uma unidade, ela deve ser caracterizada pelos dois parâmetros escolhidos; assim, todos os fragmentos que integram as unidades, devem possuir os dois parâmetros de identificação.

Partindo do princípio que poderia haver objetos com o mesmo tipo de aditivo e diferentes tratamentos de superfície, identificaremos, no universo de fragmentos, os tipos de aditivos. Assim em cada classe, na primeira instância da divisão, será identificada a superfície externa dos fragmentos, deixando excluída, por enquanto, a identificação de sua superfície interna. A escolha desse critério, para essa primeira separação, decorre do fato de que existem fragmentos de objetos que apresentariam apenas a superfície externa, como é o caso, das estatuetas ou dos fusos.

A partir dessa primeira classificação, teremos vários conjuntos de fragmentos que constituem as unidades de análise. Em seguida, em cada unidade, faremos uma outra divisão, utilizando como parâmetro o tratamento de superfície interna dos fragmentos e os separaremos em grupos. Existirão, então, tantos grupos quantos diferentes tratamentos de superfície interna sejam identificados.

Sé existem fragmentos sem uma superfície interna, já teremos uma informação muito particular no sentido de que os fragmentos pertencem a vasilhames de formas totalmente fechadas ou que fariam parte de outros tipos de objetos, e passam a integrar outras classes de objetos a partir desse momento da análise. Faremos uma exceção nos casos dos fragmentos dos tipos de asas, alças, ou apliques que poderiam pertencer aos vasilhames; contudo, apenas na análise prática é

que serão resolvidas essas questões.

No interior desses grupos a caracterização será feita pela superfície interna e os fragmentos serão separados em função da informação relacionada às formas dos objetos que se pretende reconstituir. Essa divisão tem, portanto, como base, a informação morfológica. Essa análise fornecerá novas classes; assim, teremos a classe das bordas, dos bojos, das bases, e uma classe de análise diferida.

Nesta classe de análise diferida, integraremos os fragmentos que não possuem suficiente informação, quanto a sua morfologia, para serem integrados nas outras classes; são por exemplo, os fragmentos extremamente pequenos.

Para a reconstituição dos objetos iremos trabalhar na base de tentativas de junção entre os fragmentos de cada unidade e entre as unidades, na classe do mesmo tipo de aditivo. A tentativa de junção de fragmentos entre as unidades deve-se ao fato de que poderá existir objetos com dois ou mais tipos de tratamentos de superfície. Isso implica que na reconstituição dos objetos também são observados outros elementos, tais como a espessura, a cor, e textura dos fragmentos da cerâmica.

O resultado nos fornecerá dois conjuntos de objetos, os que apresentam os elementos essenciais de identidade morfológica e os que apresentam uma parte dos elementos essenciais de identidade. No primeiro caso, teremos objetos reconstituídos no plano da constatação, mas, no segundo caso, tratar-se-á de objetos de reconstituição hipotética. Essa distinção é importante porque, no nível das conclusões, teremos que trabalhar principalmente com os objetos de reconstituição constatável, sendo que os hipotéticos fornecerão orientações gerais.

Depois de segregados os objetos, teremos uma classe de fragmentos cerâmicos morfológicamente identificados que não podem ser reconstituídos nessa instância metodológica. Fica como uma classe de fragmentos de reserva a qual poderá ser novamente estudada e integrada ao processo analítico, caso se disponha de dados novos e seguros para a reconstituição dos objetos ou de outros elementos caracterizadores do perfil cerâmico.

2.5.2 – Análise dos objetos

Para estabelecer as características do perfil cerâmico do sítio trabalharemos com os vestígios cerâmicos em dois níveis: 1) com as unidades, e 2) com os objetos.

Isto significa que as unidades de análise fornecerão os dados relacionados aos elementos técnicos: as matérias-primas, os instrumentos e as técnicas de elaboração. Enquanto que os objetos fornecerão os dados relativos aos elementos morfológicos e utilitários. As relações mais complexas, portanto, serão obtidas a partir da análise dos objetos.

O essencial da análise desses objetos deverá consistir da observação do comportamento dos elementos técnicos e morfológicos dos objetos identificados. Esse comportamento fornecerá os elementos caracterizadores do perfil cerâmico e permitirá estabelecer relações entre eles.

Nesse momento, entre os elementos caracterizadores já não estarão somente aqueles que foram os parâmetros que permitiram segregar as unidades de estudo. Agora o trabalho deverá se desenvolver a um nível mais particular no qual se poderão integrar elementos caracterizantes com certo grau de ambigüidade, e estabelecer a relação entre os procedimentos de elaboração e as formas dos objetos. Assim, por exemplo, poderemos fornecer informações relativas às técnicas de manufatura dos objetos mesmo sabendo que esses dados podem ser parciais para o conjunto, que caracterizarão, sobretudo, os objetos identificados. De modo que com os elementos factuais, poderemos tirar deduções seguras que permitam generalizações.

A introdução de elementos ambíguos nos levará a formular certas hipóteses sobre o comportamento de elementos caracterizadores do perfil cerâmico. Essas hipóteses estarão baseadas em fatos. Assim, poderemos avaliar a capacidade de cada uma dessas hipóteses, para fornecer informação relevante à reconstituição do perfil cerâmico. Isto significa que, no plano das hipóteses, teremos que estabelecer uma hierarquia entre elas, em função da utilidade que certas verificações podem ter para a obtenção de dados suplementares para esse perfil. Na avaliação do valor das hipóteses que poderão ser confrontadas poder-se-á decidir pela necessidade de realizar análises mais complexas de natureza físico-química. O resultado desses dados, ao serem confirmados ou refutadas as hipóteses, permitirá maior precisão no estabelecimento dos elementos caracterizadores do perfil cerâmico. O conhecimento de um novo elemento, no caso de confirmação, passará a integrar o conjunto dos elementos caracterizadores do perfil.

A análise dos objetos também consistirá na procura de relações entre os próprios objetos cerâmicos, onde poderá ser estabelecido as hierarquias dos tipos de objetos; entre os outros tipos de instrumentos;

e na procura de suas relações no contexto arqueológico.

Todo esse conjunto de informações poderá fornecer novos elementos que interessam principalmente para caracterizar o perfil cerâmico do sítio em estudo, e estabelecer o perfil técnico cerâmico de um grupo étnico.

CONCLUSÃO

Na pré-história brasileira, observa-se que as pesquisas referentes aos vestígios cerâmicos têm fornecido uma contribuição limitada na reconstituição deste período. O estudo desse tipo de vestígio permanece fora do contexto geral da pesquisa em pré-história como um todo, existindo também uma tendência no sentido de que as pesquisas sobre a cerâmica, desenvolvem-se de forma isolada.

Não resta dúvida que o PRONAPA exerceu uma forte influência na formação dos pesquisadores brasileiros, e determinou as orientações metodológicas que seriam utilizadas no estudo dos sítios cerâmicos. Nessa perspectiva, consideramos que os objetivos bem definidos de estabelecer as seqüências cronológicas relativas e de traçar a difusão cultural através dos vestígios cerâmicos, levaram a uma restrição da utilização dessa fonte de informação na reconstituição pré-histórica. A cerâmica foi considerada um elemento sujeito a mudanças mais rápidas e por isso útil para a elaboração das seqüências seriadas. De modo que procurava-se apenas as mudanças, restando, num plano secundário, as outras informações que esse tipo de vestígio pode oferecer.

Entretanto, entendemos que a existência do PRONAPA e suas limitações de tipo metodológico devem ser compreendidas no quadro teórico que orientou o tipo de pesquisas da época em que foi criado. Consideramos porém que as fraquezas de método poderiam ter sido superadas sem introduzir mudanças nos princípios explicativos, o que teria favorecido a continuidade dos trabalhos e, sobretudo, a formulação de sínteses sobre esse tipo de vestígios cerâmicos.

O trabalho apresentado tem como finalidade fornecer os traços essenciais de uma problemática metodológica em torno da pesquisa sobre os vestígios cerâmicos e sua utilização nas reconstituições em pré-história.

A proposta analítica que apresentamos não é formulada fora de uma posição teórica; de fato, as propostas metodológicas estão de acordo com as perspectivas explicativas. Mas entendemos que fora do posicionamento teórico, é necessário que exista uma responsabilidade do pré-historiador no sentido de fornecer informações e dados com uma confiabilidade que permita trabalhos futuros sobre o mesmo material. É considerando esse ponto que procuramos propor uma alternativa de trabalho sistematizada, segundo nossos objetivos, mas também aberta, de modo que possa ser aproveitada por diferentes perspectivas teóricas.

Pensamos que o estudo da cerâmica deveria fornecer importantes informações para caracterizar os grupos étnicos pré-históricos. Nesse caso é necessário salientar e precisar antes da pesquisa, o alcance dos procedimentos analíticos, os supostos teóricos implícitos, e de que modo poderemos sistematizar as características dos procedimentos técnicos cerâmicos que possibilitem o seu aproveitamento para a identificação desses grupos étnicos.

A finalidade do pré-historiador é identificar, o mais precisamente possível, os perfis culturais dos diferentes grupos que habitaram uma região durante a pré-história. Nesta perspectiva, o estudo da cerâmica, como vestígio material, deve fornecer um conjunto de características que contribuam para delinear os traços identificadores dos grupos étnicos. Este objetivo não poderá ser atingido pela simples caracterização de um sítio, mas poderá surgir da comparação de diferentes sítios para uma mesma área. É por isso que o sítio e sua caracterização tomam-se a unidade de reconstituição de base para a elaboração dos padrões identificadores dos grupos interessados.

A análise da cerâmica de um sítio deveria ser realizada de forma que permitisse caracterizá-lo para que fornecesse um perfil técnico do mesmo. O conjunto dos diferentes perfis técnicos que possam ser estabelecidos permitirá caracterizar um sistema técnico e sua evolução em diferentes períodos de tempo.

Para poder caracterizar o perfil cerâmico, distinguimos dois planos analíticos. Num primeiro, utilizaríamos a observação direta dos vestígios que dariam como resultado uma série de elementos factuais, que permitiriam também, levantar algumas hipóteses a fim de atingir maior precisão na caracterização. Num segundo plano analítico, passaríamos, a partir da necessidade de confrontar essas hipóteses com fatos, à utilização de recursos mais sofisticados de análises físico-químicas. O resultado dessas análises permitiria dispor de novos fatos, os quais seriam incorporados a este perfil preliminar, concedendo-lhe

maior precisão na caracterização dos parâmetros.

Nesta proposta, o essencial para o estudo não está constituído pelo fragmento cerâmico, mas pelos objetos – que constituem o nosso principal objeto de estudo. Como foi mencionado no início do trabalho, sabemos que esta reflexão teria resultados de carácter geral, ou que não se constituiria em um bom caracterizador. Nesse aspecto, estamos conscientes da limitação de nosso intento. Porém, sabemos também que esta proposta é suficientemente aberta para poder atingir níveis de particularização e, sobretudo, de afinamento dos caracterizadores do perfil cerâmico. Essa particularização não pode resultar de um trabalho teórico, pois os limites da identificação só poderá ser estabelecidos nos estudos de caso.

Nessa perspectiva, os vestígios cerâmicos serão considerados de grande importância para a reconstituição das características tecnológicas dos grupos étnicos, porém, ele constitui uma fonte de dados de valor igual ao de outros elementos da cultura material. O essencial na reconstituição pré-histórica é poder utilizar a contribuição de cada uma dessas fontes de informações e torná-las operacionais numa abordagem interdisciplinar. Procuramos demonstrar a viabilidade do estabelecimento de um perfil cerâmico de um sítio como uma fase inicial para atingir o estabelecimento de um perfil técnico cerâmico de um grupo étnico determinado. No perfil cerâmico de um sítio, distinguimos diferentes níveis de informação, segundo o grau de confiabilidade dos parâmetros caracterizadores. Esse perfil se apresenta como uma estrutura aberta susceptível de ser gradativamente complementada.

A finalidade dessa proposta é, sobretudo, oferecer os meios para uma padronização de análise que permita as comparações entre diferentes perfis cerâmicos de sítios. A proposta limita-se a apresentar uma formulação de carácter geral, que deverá ser afinada a partir dos resultados de sua aplicação, para que se possa tornar efetivamente caracterizadora. A comparação entre perfis técnicos cerâmicos e entre outros tipos de perfis técnicos, fornecerá os elementos que nos levará a pensar em caracterizar grupos étnicos em diferentes unidades no espaço e no tempo.

O mais importante, ao nosso entender, é contar com uma linha teórica de orientação da reflexão para afinar os preceitos analíticos. A finalidade é de se obter, então, um dispositivo caracterizador, o qual temos designado como perfil cerâmico, que possibilite, de forma sistematizada, as comparações entre os sítios e contribua para caracterizar os diferentes grupos étnicos que habitaram nosso país durante a pré-história.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- BARATA, F. **As Artes Plásticas no Brasil – Arqueologia**. Rio de Janeiro. Edições de Ouro, 1968.
- _____. Uma Análise Estilística da Cerâmica de Santarém, In: **Separata de Cultura nº 5**, 1953, p. 185-205.
- BROCHADO, J. P. et alii. Arqueologia Brasileira em 1968; Um relatório preliminar sobre o PRONAPA. (Publ. Avulsas nº 12) **Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, 1969.
- CHMYZ, I. (ed.) **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica**. Curitiba, CEPA (Manuais de Arqueologia 1 parte I). 1966.
- _____. **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica**. Curitiba, CEPA (Manuais de Arqueologia 1 parte II). 1969.
- _____. Arqueologia e Trópico – 1969. Seminário de Tropicologia. In: **Trópico e Pesca, etc.** Recife, Ed. Universitária – UFPE, 1967, p. 540-61.
- EVANS, C. Introdução. In: PRONAPA, 1. Resultados preliminares do primeiro ano, 1965-1966. **Publ. Avulsas 6, Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, 1967, p. 7-13.
- EVANS, C.; MEGGERS, B.J. **Guia para a Prospeção Arqueológica no Brasil**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi (Série Guias 2), 1965.

- _____; _____. Introdução. In: PRONAPA. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970. **Publ. Avulsas 26. Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 1974, p. 7-10.
- FONWLER, D.D.; BEEK, G.W. Van; SANOJA, M. Clifford Evans 1920-1981. In: **Anuário de Divulgação Científica**, v. 10. Anos 1981/1984. Goiânia-GO, Universidade Católica de Goiás/Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 1974, p. 1-24.
- FORD, J. A. **Método Cuantitativo para establecer cronologias culturales**. Manuales Técnicos, III. Union Panamericana. Washington, D.C., 1962.
- MEGGERS, B. J. Considerações Gerais. In: PRONAPA. Resultados preliminares do primeiro ano, 1965-1966. **Publ. Avulsas 6 – Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 1967, p. 153-8.
- _____. Advances in Brazilian Archaeology, 1935-1985. In: **American Antiquity**, 50 (2). 1985, p. 364-373.
- _____; EVANS, C. Introdução. In: PRONAPA. Resultados preliminares do segundo ano, 1966-1967. **Publ. Avulsas 10, Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 1969, p. 7-11.
- _____; _____. **Como Interpretar a linguagem da Cerâmica; Manual para arqueólogos**. Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1970.
- MEGGERS, B.J.; EVANS, C. A Reconstituição da pré-história Amazônica; algumas considerações teóricas. In: **O Museu Goeldi no ano de sesquicentenário**. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1973, p. 51-69.
- _____; _____. La "Seriación Fordiana" como método para construir uma Cronologia Relativa. In: **Separata de la Revista de la Universidad Católica, Año III, nº 10**. Centro de Publicaciones de la Pontificia Universidade Católica del Ecuador, 1975, p. 11-40.
- _____; _____. Un Método Cerâmico para el Reconocimiento de Comunidades Pré-Históricas. In: **Boletín 14; Año 9. Museo del Hombre Dominicano**. 1980, p. 57-73.
- _____; _____. Um Método Cerâmico para o Reconhecimento de Comunidades Pré-históricas. In: **Instituto de Arqueologia Brasileira. Boletim Série Ensaio Nº 3**, 1985, p. 8-30.
- MELATTI, J.C. **Índios do Brasil**. 4ª edição. São Paulo, Editora HUCITED, 1983.
- METRAUX, A. **La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani**. Paris, Librairie Orientaliste Paul Gauthier, 1928.
- RODRIGUES, A.D.I. **Línguas Brasileiras – Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo, Edições LOYOLA, 1986.
- SIMÕES, M.F. Museu Goeldi e a Arqueologia da Bacia Amazônica. In: **Carlos Roque ed. – Antologia da Cultura Amazônica**, Edições Culturais, São Paulo, v. VI, 1971, p. 172-80.
- WILLEY, G. R. Ceramic. In: **Handbook of South American Indians**. V. 5, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, p. 139-204.